



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM- PROGEL

KILZA MARIA DE MELO PASCOAL

***O SUMIÇO DA SANTA, DE JORGE AMADO: INTERFACES ENTRE AS
VOZES FEMININAS E OS PROCESSOS CULTURAIS RELATIVOS À
SEXUALIDADE E À RELIGIOSIDADE***

Recife,

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - PROGEL

KILZA MARIA DE MELO PASCOAL

***O SUMIÇO DA SANTA, DE JORGE AMADO: INTERFACES ENTRE AS
VOZES FEMININAS E OS PROCESSOS CULTURAIS RELATIVOS À
SEXUALIDADE E À RELIGIOSIDADE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE, como exigência parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linha 2 – Análises literárias, culturais e históricas.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva

Recife,

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P281s Pascoal, Kilza Maria de Melo
O SUMIÇO DA SANTA, DE JORGE AMADO: Interfaces entre as vozes femininas e os processos culturais relativos à sexualidade e à religiosidade / Kilza Maria de Melo Pascoal. - 2023.
107 f. : il.
- Orientadora: Ivanda Maria Martins Silva.
Inclui referências.
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, 2023.
1. Estudos Culturais. 2. Mulher negra. 3. Sexualidade. 4. Religiosidade. 5. Jorge Amado. I. Silva, Ivanda Maria Martins, orient. II. Título

CDD 470

KILZA MARIA DE MELO PASCOAL

**O SUMIÇO DA SANTA, DE JORGE AMADO: INTERFACES ENTRE AS
VOZES FEMININAS E OS PROCESSOS CULTURAIS RELATIVOS À
SEXUALIDADE E À RELIGIOSIDADE**

Dissertação julgada adequada para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem, defendida e aprovada por unanimidade em 29/08/2023 pela Banca Examinadora.

Orientadora:

Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira
Examinador Externo – Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE/UAST

Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo
Examinador Interno – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem-
PROGEL/UFRPE

Dedico este trabalho a Maria José
Matias de Melo e a Amara Josefa Pascoal,
minhas avós.

AGRADECIMENTOS

À minha família, parentes e amigos, em especial, à minha amiga Jéssica Martins que me incentivou constantemente a não desistir.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL/UFRPE, professora Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva, e à Secretaria do Programa, pelo apoio nas questões institucionais.

À minha orientadora, Ivanda Martins, pela orientação, dedicação, apoio e sensibilidade.

Aos/Às professores, professoras, mestrandos e mestrandas do PROGEL/UFRPE com os quais, mesmo de forma remota, tive a alegria de conviver e aprender.

Aos professores que compuseram as bancas de qualificação e defesa pública desta Dissertação: professor Dr. Kleyton Ricardo Wanderley Pereira e professor Dr. Natanael Duarte de Azevedo, pelas valiosas contribuições que possibilitaram o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Ao Balé de Cultura Negra do Recife, pelos conhecimentos construídos acerca da mitologia africana.

Oyá entrou no barracão vestida com as cores do crepúsculo, na testa a estrela vespertina, verde perfume de mar nos seios do ébano. Não a esperavam, mas não houve surpresa ou rebuliço, apenas o som dos atabaques cresceu, e na roda dos santos ebomins, equedes e iaôs curvaram-se em reverência. Pelo caminho, recolhera injustiças e malfeitos, trazia-os num feixe sob o sovaco esquerdo, na mão direita os raios e os trovões (Amado, p. 29, 1988).

RESUMO

PASCOAL, Kilza Maria de Melo. ***O sumiço da santa, de Jorge Amado: interfaces entre as vozes femininas e os processos culturais relativos à sexualidade e à religiosidade.*** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Recife, 108 p. 2023.

Na literatura, a figura masculina, quase sempre, representou liderança e ocupou uma posição de superioridade. Isso se refletiu na maneira como as mulheres eram representadas na literatura. Apesar da invisibilidade da voz feminina e de o corpo feminino ser apresentado no campo literário, geralmente, de modo sexualizado e na condição de submissão à religião cristã, alguns autores promoveram uma ruptura desse sistema canônico, e trouxeram personagens femininas que eram “senhoras de suas vontades”, sugerindo a quebra do pensamento que se baseava no cânone, promovendo, então, a neutralização da ordem de força masculina, tida como universal e legitimada por meio dos discursos. Jorge Amado, por exemplo, foi um dos autores da Literatura Brasileira que rompeu com as fronteiras nacionais e ganhou notoriedade mundial com sua vasta produção literária e diversos romances que narram histórias permeadas por questões históricas, sociais e culturais do país. Com base nessa contextualização, indicamos como questão norteadora: Como se dá a representação feminina na obra *O sumiço da santa, de Jorge Amado*, considerando a construção das personagens Adalgisa e Manela e os processos culturais que envolvem a religiosidade e a sexualidade? O objetivo geral da pesquisa é analisar a obra *O sumiço de santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, considerando a representação feminina na composição das personagens Adalgisa e Manela em diálogo com os processos culturais relativos à religiosidade e à sexualidade. Quanto aos objetivos específicos, buscamos: 1) Investigar a influência da igreja católica e do candomblé na construção da sexualidade das personagens femininas Adalgisa e Manela, na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*; 2) Analisar a relação existente entre a orixá feminina Iansã e o comportamento das personagens femininas Adalgisa e Manela; 3) Refletir acerca da questão do pertencimento e da construção da identidade a partir da interação social; 4) Abordar a importância das narrativas da religiosidade no âmbito educacional. Quanto ao aporte teórico, a pesquisa foi orientada a partir dos Estudos Culturais da Pós-Modernidade, com destaque para questões referentes à identidade, às representações sociais e à sexualidade feminina. Em síntese, buscamos comprovar que, na obra em questão, os processos relativos à sexualidade sofrem influência da religião patriarcal e se apresentam de forma menos libertadoras para as mulheres representadas na obra.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Mulher negra; Sexualidade; Religiosidade; Jorge Amado; *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*.

ABSTRACT

PASCOAL, Kilza Maria de Melo. ***O sumiço da santa, de Jorge Amado: interfaces entre as vozes femininas e os processos culturais relativos à sexualidade e à religiosidade.*** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Recife, 108 p. 2023.

In literature, the male figure almost always represented leadership and occupied a position of superiority. This was reflected in the way women were represented in literature. Despite the invisibility of the female voice and the female body being presented in the literary domain, generally in a sexualized way and submissive to the Christian religion, some authors have broken this canonical system, and created female characters who would become “ladies of their own desires”, breaking from this literary canon by promoting the neutralization of the order of masculine strength, considered universal and legitimized through discourses. Jorge Amado, for example, was one of the authors of Brazilian Literature who broke national borders and gained worldwide notoriety with his vast literary production and several novels that tell stories permeated by the country's historical, social and cultural issues. Based on this contextualization, we indicate as a guiding question: How is female representation in the novel *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, by Jorge Amado, considering the construction of the female characters Adalgisa and Manela and the cultural processes that involve religiosity and sexuality? The main objective of this study is to analyze the Jorge Amado's novel considering the female representation in the composition of the characters Adalgisa and Manela in dialogue with cultural processes related to religiosity and sexuality. As for the specific objectives, we seek to: 1) investigate the influence of the Catholic and Candomblé religions in the construction of the main female characters' sexuality; 2) analyze the relationship between the female orixá Iansã and Adalgisa and Manela's behavior in the novel; 3) ponder on the issue of belonging and the construction of identity through social interaction; 4) address the importance of religiosity narratives in the educational context. As theoretical contribution, the research was guided by Post-Modern Cultural Studies, with emphasis on issues relating to identity, social representations and female sexuality. In summary, we seek to prove that the processes related to sexuality are influenced by patriarchal religion and appear less liberating for the women represented in the novel.

Keywords: Cultural Studies. Black woman. Sexuality. Religiosity. Jorge Amado. *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*.

SUMÁRIO

1 TRAVESSIAS INICIAIS	13
1.1 IMERSÕES E REFLEXÕES INICIAIS	13
1.2 (AUTO)IMERSÕES PESSOAIS: A RELAÇÃO DA LEITORA/PESQUISADORA COM A TEMÁTICA E A OBRA LITERÁRIA <i>O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA</i>	15
1.3 INICIANDO AS CONVERSAS SOBRE O AUTOR E A OBRA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA	19
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: APROXIMAÇÕES COM PESQUISAS E VOZES DOS/AS AUTORES/AS NO CAMPO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS	25
2.1 LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE: REFLEXÕES DIALÓGICAS.....	25
2.2. LITERATURA, MULHER E SOCIEDADE	28
2.3 MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DE PESQUISAS.....	30
2.4 A CRÍTICA FEMINISTA NA CONTEMPORANEIDADE	34
2.4.1 A representação feminina no campo dos Estudos Literários	41
2.5 O ENFOQUE DE ROGER CHARTIER: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	45
2.6 LITERATURA, RELIGIÃO E SEXUALIDADE	47
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS	50
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	50
3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DA OBRA LITERÁRIA	51
4 RUMO À ANÁLISE LITERÁRIA: INTERFACES COM LEITURAS PLURAIS DA OBRA <i>O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA, DE JORGE AMADO</i>	52
4.1 O LUGAR DO ROMANCE <i>O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA</i> NO PANORAMA DA PRODUÇÃO FICCIONAL DE JORGE AMADO.....	53
4.2 ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO	57
4.3 A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS NA OBRA <i>O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA</i> : REPRESENTAÇÃO FEMININA E PLURALIDADE DE VOZES E IDENTIDADES SOCIAIS.....	60
4.4 ADALGISA E MANELA: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO	67

4.5 LITERATURA, RELIGIÃO E SEXUALIDADE: CONEXÕES COM PROCESSOS CULTURAIS NA OBRA <i>O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA</i>	73
4.6 TAL MÃE, TAL FILHA: A HERANÇA ANCESTRAL	77
5 LIBERTAÇÃO: SEXO E RELIGIÃO	83
6 AS MITOLOGIAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA: A QUESTÃO DO RACISMO	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mapeamento de pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.....	31
Quadro 2: Organização dos eixos temáticos norteadores da análise literária	52
Quadro 3: Divergências de pensamentos entre as personagens	71
Quadro 4: Atributos dos homens com os quais Iansã se envolveu	78
Quadro 5: Algumas divergências relativas à sexualidade e à sensualidade	87
Quadro 6: Faces de Iansã.....	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Redenção de Cam, 1895, de Modesto Brocos	63
Figura 2: Lavagem do Bonfim em Salvador	68
Figura 3: Sincretismo religioso entre Senhor do Bonfim e Oxalá.....	69
Figura 4: Representação de Iansã.....	79

1 TRAVESSIAS INICIAIS

[...] se nós viemos de uma ancestralidade altiva, potente e pioneira, não tem como sermos diferentes no presente nem como não projetarmos isso no futuro a partir da emancipação da nossa comunidade negra (Pinheiro, 2023, p. 46).

Este primeiro capítulo apresenta a introdução com o desenho da pesquisa, considerando reflexões iniciais, (auto)imersões pessoais com foco na relação da leitora/pesquisadora com a temática e a obra literária *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado. Nesse sentido, apresentamos a delimitação temática, os objetivos da pesquisa, o desenho global teórico-metodológico norteador para apoiar a análise literária, bem como realizamos uma síntese da planificação e estruturação dos capítulos da dissertação. A seguir, iniciamos com algumas imersões e reflexões iniciais que nos impulsionaram na construção desta pesquisa.

1.1 IMERSÕES E REFLEXÕES INICIAIS

Romper com o padrão vigente em uma sociedade em que, na maioria das vezes, valorizou a manutenção dos valores patriarcais, não é uma tarefa fácil para as mulheres que estão inseridas nesta estrutura, a qual encara a dominação masculina com naturalidade. Entretanto, sabemos que a desconstrução desse sistema não é uma luta apenas das mulheres, é uma luta de todos, afinal, o feminismo é para todo mundo.

O fato de sermos ensinados desde muito pequenos a adotar um comportamento sexista contribuiu para a sua disseminação e, conseqüentemente, privou muitas mulheres de serem quem realmente elas desejam ser, de realizarem

seus sonhos de justiça e liberdade. Apesar de existirem mulheres submissas a esse sistema, também existem aquelas que lutam pelo fim da opressão que sempre privilegiou o sujeito masculino.

Compreendemos que é comum a presença do sexismo, em algumas religiões, em que o posto de liderança é ocupado por homens e, apesar disso, existem mulheres que encontram refúgio, consolo e paz nesses lugares, mesmo sendo quase impossível um contato com o divino cristão sem a intervenção e dominação do sujeito masculino.

A opressão sexista é o primeiro tipo de opressão que a mulher experimenta, pois ela se inicia no ambiente familiar e, foi assim que a personagem Manela, em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, vivenciou e sofreu com as regras impostas por esse sistema de dominação.

Apesar do contato com o pensamento sexista ocorrer no ambiente familiar, é importante ressaltar que a família e os vínculos existentes com os membros desse grupo, muitas vezes, oferecem suporte para aquelas que sofrem com os mecanismos desse sistema, o que faz com que as discussões acerca do pensamento feminista sejam de extrema importância nesses espaços.

Apesar de sabermos da necessidade da desconstrução do sexismo como o propósito de uma sociedade mais justa e igualitária, compreendemos que não é um trabalho que possa ser realizado de uma hora para outra, afinal, a erradicação da dominação masculina significa a desconstrução dos valores simbólicos da sociedade atual, visto que os sistemas de dominação atuam em uma interconexão.

Como sabemos, mulheres feministas não nascem feministas, segundo hooks¹ (2020), elas se tornam feministas e as que possuem a conscientização feminista têm o poder de promover a revolução. Muitas mulheres, através de muita luta, se livraram das amarras do patriarcado, como é o caso da personagem Manela, que rompeu com o silêncio, e com ajuda de Iansã, libertou-se e promoveu mudança na

¹ Iremos utilizar, nesta dissertação, *bell hooks* grafado com letras iniciais minúsculas, considerando o posicionamento político da autora. Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo *bell hooks*, o qual a autora escolheu para assinar suas obras, em homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é grafado assim mesmo, em letras minúsculas. A justificativa está na frase da própria autora: "o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu" (hooks, 2009).

sociedade na qual estava inserida. Continuaremos refletindo sobre a personagem Manela ao longo dessa pesquisa.

Na próxima seção, trataremos da identificação da autora pesquisadora com a obra literária, bem como as motivações que a levaram analisar o romance amadiano *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*.

1.2 (AUTO)IMERSÕES PESSOAIS: A RELAÇÃO DA LEITORA/PESQUISADORA COM A TEMÁTICA E A OBRA LITERÁRIA *O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA*

Nesta seção, em movimento autoral da escrita de si, utilizarei a primeira pessoa do discurso para esse processo de (auto)imersão em memórias e vivências pessoais.

Assim como tantas outras mulheres, nasci em uma família na qual falar sobre o corpo feminino era algo quase proibido. Lembro-me de que, uma vez, na escola, encontrei, em um livro de Ciências, uma imagem do aparelho reprodutor feminino que, possivelmente, seria um dos conteúdos de alguma aula futura, mas essa aula nunca aconteceu. A professora não gostava de discutir questões relacionadas ao corpo em suas aulas. Ao ser questionada pelos alunos, a professora, simplesmente, disse que não veríamos aquele conteúdo. Acredito que ela sentia vergonha, pois assim como grande parte das alunas daquela turma, ela pode ter sido ensinada a não falar sobre sexo.

Os temas relativos à sexualidade não eram discutidos no âmbito familiar e isso delegava à escola o papel de orientar, entretanto, muitas vezes, isso não acontecia. Lembro-me das aulas vagas e dos intervalos em que me reunia com minhas amigas para conversar sobre namorado, gravidez e menstruação. Aquele era o único momento em que nos sentíamos livres para falar, abertamente, e sem a preocupação de sermos ouvidas por um adulto. Caso fôssemos “pegas” discutindo esses temas, certamente levaríamos um bom “corretivo” de nossos pais.

A professora de Ciências também dava aulas de catecismo em uma paróquia que ficava próximo à minha casa, foi através dela que conheci um pouco do catolicismo. Alguns anos depois, quando eu já havia desistido de me tornar freira para agradar meus pais, tive contato com a religião de matriz africana por meio da dança. Acredito que o desejo de me tornar freira partiu da ideia que eu tinha, na época, de que as freiras eram mulheres santificadas pela vida de devoção ao sagrado.

Assim como a maioria das crianças em contato com o cristianismo, em algum momento de sua vida, fui ensinada, desde muito pequena, a sempre me manter afastada de tudo aquilo que possuía alguma relação com o candomblé. Lembro que uma vez ganhei um machado de barro que foi jogado no lixo por meu irmão, pois ele acreditava que aquilo traria coisas ruins para dentro de nossa casa. Alguns anos depois um membro de minha família tentou rasgar uma blusa que possuía várias imagens de orixás.

Após minha participação como bailarina, no Balé de Cultura Negra do Recife, comecei a discutir questões relacionadas à religião de matriz africana no ambiente familiar, sem me preocupar como minha família iria reagir. As coisas fluíram de uma forma que nem eu conseguia acreditar. Jamais imaginei que meu pai dançaria em um encontro de afoxés ou participaria da Cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos e que meu irmão deixaria minha baiana comprada na Bahia em paz em cima da estante da sala.

O contato com o catolicismo e o candomblé me fez perceber que a construção da sexualidade feminina se diferencia entre essas duas religiões, pois ser sensual e sexual, como algo condenado pelo catolicismo, pode ser algo natural para a religião de matriz africana. Com o povo de terreiro eu podia conversar abertamente acerca de temas considerado tabus e compreender que não havia nada de errado nisso.

Durante o período em que dancei no Balé de Cultura Negra do Recife, dediquei-me ao estudo da mitologia dos orixás, com o objetivo de compreender como as características de cada orixá poderiam ser transpassadas e representadas

através da dança e como tais características influenciavam o comportamento e a vida das pessoas que viviam dentro do terreiro.

Foi a partir do conhecimento sobre o candomblé que pude perceber que o satanismo atribuído às religiões de matriz africana tratava-se de um preconceito e estereótipos negativos atribuídos ao povo negro. Compreendi que, diferentemente do que pensava, ser sensual ou sexual pode ser uma postura herdada da ancestralidade. Afinal, algumas vezes, as características comuns a um determinado orixá são externadas através das ações humanas, como é o caso do orixá feminino Iansã, que na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado apresenta-se como uma personagem marcada pela sensualidade: “Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder. Por isso, entregou-se a vários homens, deles recebendo sempre algum presente” (Prandi, 2001, p. 296).

Acredito que a construção da moral sexual feminina em nossa sociedade quase sempre teve como base a religião patriarcal, que vetou as questões ligadas à sexualidade e contribuiu para a propagação da ideia de inferioridade e de imoralidade da mulher em relação ao sexo oposto.

Foi ajudando na organização de um bazar beneficente, em um grupo espírita, que me deparei com a obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, ela estava à venda, então, decidi comprá-la, pois o título havia me deixado curiosa. Durante a leitura da obra percebi que o enredo dialogava com o meu passado, que as personagens viviam um embate religioso, assim como vivi. A obra apareceu em minha vida no momento em que eu estava pensando na construção de um projeto para participar da seleção do mestrado.

Decidi analisá-la por conta das temáticas presentes na obra e porque, de certa maneira, eu me identificava com a personagem Manela. A personagem em questão via-se obrigada a seguir uma conduta sob pena de castigos, e, foi assim, que cresci dentro de uma família extremamente conservadora, que via como imoral todo comportamento contrário ao que era definido na bíblia como correto.

A escolha do autor masculino deu-se pelo fato de Jorge Amado quebrar com o padrão estabelecido, propor uma desarticulação do cânone literário ocidental ao

apresentar uma obra protagonizada por mulheres negras e inseri-las em um espaço de prestígio, que até então não possuía brechas para a população marginalizada.

Ao analisar a opressão sofrida por Manela dentro do ambiente familiar, recordei de alguns momentos da minha vida em que, também, fui influenciada pelo pensamento patriarcal. Com o passar dos anos e depois de leituras relacionadas à temática, percebi que eu apenas reproduzia sem questionar, pois a mulher decente deveria aceitar a submissão, a invisibilidade e agir conforme o padrão vigente.

Além de toda opressão gerada pelo sistema em que eu estava inserida e, assim como toda menina negra, sofre pela falta de representação, principalmente no ambiente escolar. Do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, não me lembro de ter tido uma professora negra, de ter lido um livro em que houvesse uma personagem negra e nem de ter visto uma princesa negra nos contos de fadas, mas lembro da personagem Biba, do Castelo Ra-Tim-Bum, que era uma série destinada ao público infante juvenil e exibida pela TV Cultura. Só hoje consigo entender por que gostava tanto dela. Ela era negra e não recebia um tratamento diferente por isso.

Sendo assim, acredito que a literatura é uma ferramenta importante para fomentar o empoderamento, a representatividade e para desconstruir estereótipos negativos relacionados as pessoas negras, além de exercer um papel muito importante na luta antirracista, como também possibilitar uma desarticulação do cânone ocidental.

Essas memórias representam minhas travessias iniciais com a temática desta pesquisa e introduzem minha relação com a obra literária *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*. Em diálogo com as representações sociais, culturais e históricas, o autor Jorge Amado evidencia personagens femininas que merecem ser analisadas pela relevância na organização da arquitetura estética do romance. Na próxima seção, iniciamos uma breve contextualização sobre o autor e a obra literária em conexão com o desenho da pesquisa.

1.3 INICIANDO AS CONVERSAS SOBRE O AUTOR E A OBRA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA

Os pensamentos e as ações sexistas, na sociedade ocidental acompanham o indivíduo desde seu nascimento e em todas as esferas sociais, as quais, muitas vezes, estabelecem uma relação de poder e subordinação a partir do sexo biológico, baseando-se nas experiências do passado, que impõem uma conduta a ser aceita e seguida. Compreende-se como “poder” o exercício da vontade sobre os indivíduos, entretanto, a dominação consiste na aceitação e subordinação a um poder exercido por outro indivíduo.

Para Hall (2022), as sociedades tradicionais costumam valorizar o passado e seus símbolos, pois, assim, acreditam que conseguem manter vivas as experiências de gerações que são estruturadas a partir de práticas recorrentes, como é o caso da imagem da mulher na cultura ocidental que, de acordo com Friedan (2020), na maioria das vezes, foi representada como uma jovem, feminina, bonita e satisfeita com um mundo que se resume ao sexo, à maternidade e às atividades domésticas.

A representação do feminino, na literatura ocidental, revela uma história de opressão difundida a partir da cultura patriarcal, marcada por um discurso dominante de superioridade do masculino. Sendo assim, as mulheres, muitas vezes, ocuparam uma posição de subalternidade, a qual neutralizava-as e tirava-lhes o direito de constituírem-se enquanto sujeito.

De acordo com Butler (2019), a representação atua como um termo operacional num processo político, buscando estender visibilidade à mulher enquanto sujeito político, entretanto, deve-se considerar que as categorias de poder, por sua vez, limitam, regulam e excluem os indivíduos ligados a uma mesma estrutura política.

Na literatura ocidental a figura masculina, de modo geral, representou liderança e ocupou uma posição de superioridade, isso refletiu na maneira como as

mulheres eram representadas no campo literário. De acordo com Woolf (1985), quando criadas por homens, as personagens femininas do cânone ocidental eram construídas a partir do ponto de vista marcado por questões relacionadas à sua relação amorosa com eles e submissas à religião e ao sistema patriarcal.

A autora destaca, também, a invisibilidade da mulher na literatura pela falsa crença da baixa intelectualidade feminina, onde nenhuma mulher havia escrito algo capaz de ser considerado extraordinário. Ainda de acordo com Woolf (1985), a mulher grandiosa e capaz de escrever algo extraordinário até poderia existir, mas esta não ultrapassava as barreiras da ficção, pois, na vida real, era submissa e propriedade do marido.

Apesar de as invisibilidades da voz feminina e de o corpo feminino apresentaram-se no campo literário, geralmente, de modo sexualizado e na condição de submissão à religião cristã, alguns autores promoveram uma ruptura desse sistema canônico, e trouxeram personagens femininas que eram capazes de traçar seus destinos, sugerindo a quebra do pensamento que se baseava no cânone, propiciando, então, a neutralização da ordem de força masculina, tida como universal e legitimada através dos discursos.

Nesse sentido, Jorge Amado, por exemplo, foi um dos autores da Literatura Brasileira que rompeu com as fronteiras nacionais e ganhou notoriedade mundial com sua vasta produção literária e diversos romances que narram histórias permeadas por questões históricas, sociais e culturais do país. Dessa maneira, o escritor baiano buscou reinventar o Brasil, trazendo, em grande parte de suas obras, um país identitariamente multifacetado e, também, por trazer em suas obras personagens femininas que romperam com o padrão estabelecido socialmente.

Através de suas obras, Jorge Amado contribuiu para a divulgação da religião, tendo em vista matrizes afro-brasileiras, o que lhe rendeu reconhecimento por parte do candomblé. O sincretismo religioso, oriundo de fatores histórico-culturais, ganha destaque em seu romance intitulado de *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* (1988), além das descrições dos costumes do povo baiano, das festividades e da religião de matriz africana.

As questões relacionadas à construção da moral sexual feminina em nossa sociedade possuem como base principal a religião patriarcal, que silencia as questões ligadas à sexualidade e contribui para a propagação da ideia de inferioridade da mulher em relação ao sexo oposto. Pelo contrário, a sexualidade feminina, quando atrelada ao candomblé, mostra-se mais libertadora, o que permitirá a figura feminina ser, em alguns momentos, sensual ou sexual. Conforme Germano (2008), essas personagens são mulheres que, por suas ações, imprimem mudanças nas normas sociais de um contexto profundamente patriarcal, criando seus próprios destinos.

Em nossa pesquisa, que possui uma abordagem qualitativa, analisamos o romance *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* (1988), do escritor baiano Jorge Amado. Para essa investigação, consideramos a forma como as personagens femininas são apresentadas ao leitor. O autor, além de trazer questões relacionadas ao sincretismo religioso, apresenta a construção da sexualidade de duas personagens com base no cristianismo e no candomblé.

Nossa pesquisa possui como objetivo geral analisar a obra *O sumiço de santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, considerando a representação feminina na composição das personagens Adalgisa e Manela em diálogo com os processos culturais relativos à religiosidade e à sexualidade.

Quanto aos objetivos específicos, buscamos: 1) Investigar a influência da igreja católica e do candomblé na construção da sexualidade das personagens femininas Adalgisa e Manela, na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*; 2) Analisar a relação existente entre a orixá feminina Iansã e o comportamento das personagens femininas Adalgisa e Manela; 3) Refletir acerca da questão do pertencimento e da construção da identidade a partir da interação social; 4) Abordar a importância das narrativas da religiosidade no âmbito educacional.

Esta investigação parte da seguinte questão norteadora: Como se dá a representação feminina na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, considerando a construção das personagens Adalgisa e Manela e os processos culturais que envolvem a religiosidade e a sexualidade?

Partimos do pressuposto segundo o qual, na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, os processos relativos à sexualidade sofrem influência da religião patriarcal e que, no candomblé, são apresentadas, de forma mais libertadora, para as mulheres representadas na obra literária em tela.

A pesquisa foi orientada a partir dos Estudos Culturais, com destaque para questões da identidade, das representações sociais e da sexualidade feminina, temas que perpassam o romance analisado.

Sobre o *corpus* literário, trata-se de um romance ambientado no estado da Bahia, e a história se desenvolve a partir do sumiço da imagem de Santa Bárbara, trazida de Santo Amaro da Purificação, que desaparece às vésperas da abertura de uma exposição de arte sacra. Tal acontecimento coincide com o carnaval baiano fora de época no qual a santa se transmuta em lansã. A partir desse momento, acontecem grandes mudanças no comportamento das personagens femininas.

Dessa forma, a obra literária em foco apresenta uma narrativa na qual as temáticas da religião, sexualidade, sexismo e o lugar da personagem negra na sociedade ganham destaque e provocam no leitor reflexões acerca de como a sexualidade das personagens é perpassada e construída através dos preceitos de duas principais religiões: o catolicismo e o candomblé.

A dissertação está organizada em seis capítulos. O primeiro apresenta os percursos iniciais com a configuração do desenho global da pesquisa, indicando a delimitação temática, os objetivos da pesquisa, o recorte teórico-metodológico e a estrutura da dissertação.

No segundo capítulo, é apresentado o referencial teórico norteador da pesquisa. No desenho do aporte teórico, realizamos um mapeamento sistemático, o qual teve como objetivo apresentar algumas publicações relacionadas com a temática nos últimos cinco anos (de 2018 a 2022), como também, discutimos como se dá a representação feminina no campo literário a partir de Figueiredo (2020) e Funkc (2016). Essas autoras discutem a questão da inserção da mulher negra no campo literário na condição de protagonista em uma literatura que, na maioria das vezes, se mostrou elitista, composta por homens héteros, brancos que ditaram e

validaram os conhecimentos a partir da ideia de universalismo, o qual impunha à mulher a condição de subalternidade. Ainda nesse momento, buscamos, também, a partir de Hall (2022), conceituar sociedades “modernas” e “tradicionais”, visto que, na obra analisada, observou-se o embate entre a valorização e a veneração dos símbolos do passado como também a afirmação da identidade a partir da ideia de modernidade.

A partir da teorização de hooks (2020), discutimos questões relacionadas à desvalorização do corpo da mulher negra após a escravatura, à estereotipificação da mulher negra como uma mulher sexual e às relações de poder exercidas sobre o corpo feminino, ou a violência simbólica exercida a partir do corpo masculino, a qual Foucault (2014) denomina de “docilização dos corpos”.

Em outras palavras, a relação de poder e submissão está presente em todas as civilizações, logo, haverá a tentativa de docilização dos corpos. Foucault (2014) descreveu a docilização como um processo de adestramento dos corpos, o qual pode ser aperfeiçoado e transformado para assim obter “indivíduos obedientes”. Essa relação de poder e submissão também é citada por Chartier (1990). Para esse autor, as representações são sempre guiadas pelos interesses de um grupo que cria estratégias para impor autoridade.

No terceiro capítulo, discorremos sobre pressupostos das abordagens teóricas centrais norteadoras da pesquisa, a crítica literária feminista, com foco no campo da teoria literária e na literatura ficcional a partir da realidade empírica, com base em hooks (2019, 2020), Susana Bornéo Funkc (2016), Eurídice Figueiredo (2020).

No quarto capítulo, realizamos a análise do corpus literário com base nos objetivos específicos. Nesse capítulo, destacamos as conexões entre os processos culturais na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, assim como a forma como as relações de poder influenciam as relações sociais, o sincretismo religioso entre o catolicismo e o candomblé e como a opressão sexual atua como um fator regulador da conduta feminina a partir de autores, como Babha Homi (2012), Bento (2022), Stuart Hall (2022), Roger Chartier (1990), Judith Butler (2019), Michel Foucault (2020, 2014), Souza (2022) e Theodoro (2020).

No quinto capítulo, analisamos os limites impostos pela igreja católica. Destacamos a experiência cristã do sexo, o reflexo das divindades africanas nos indivíduos e a libertação referente às questões que envolvem a sexualidade a partir da imersão das personagens na religião de matriz africana, com base em Bastide (2001), Foucault (2020) e hooks (2020).

No sexto e último capítulo, sugerimos a utilização, no âmbito educacional, da obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, visando à desconstrução do racismo e a valorização da religiosidade de matriz africana. Discorreremos sobre a importância da inserção das mitologias africanas e afro-brasileiras na sugestão literária a ser trabalhada nos espaços escolares como forma de atender à Lei nº 10.639/2003, com base em Carneiro (2011), Esteves (2010), Cunha (1997), Gomes e Martins (2010) e Cosson (2020).

Quanto ao aspecto metodológico, nossa pesquisa se constitui em uma investigação de caráter bibliográfico e apresenta abordagem qualitativa de cunho teórico no campo dos Estudos Literários e Culturais, o que possibilita a compreensão das dinâmicas sociais e permite a inovação por não possuir uma proposta rigidamente estruturada.

Realizamos uma análise da obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, e por tratar-se de um trabalho eminentemente de caráter hermenêutico crítico-analítico e interpretação de material bibliográfico, utilizamos textos teóricos de apoio e fundamentação para a pesquisa.

Em suma, a pesquisa possui relevância social e científica por proporcionar uma reflexão acerca da representação da figura feminina na literatura de autoria masculina, bem como uma reflexão sobre os estereótipos que recaem sobre as mulheres em especial, às mulheres negras, o que possibilita a desconstrução de estereótipos negativos atrelados a essas mulheres.

No próximo capítulo, apresentamos as bases teóricas orientadoras desta investigação.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: APROXIMAÇÕES COM PESQUISAS E VOZES DOS/AS AUTORES/AS NO CAMPO DOS ESTUDOS LITERÁRIOS

O que importa são as rupturas significativas – em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados [...] (Hall, 2002, p. 131).

Este capítulo apresenta reflexões teóricas no campo dos estudos literários, sobretudo, com foco nos trabalhos de autores e autoras, como Hall (2022), Bhabha (2019) e Bakhtin (2017). Essas reflexões teóricas são norteadoras da análise literária que se desenvolveu da obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, considerando as contribuições em relação aos eixos temáticos de cultura, literatura e sociedade.

2.1 LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE: REFLEXÕES DIALÓGICAS

Nesta seção, discutimos algumas abordagens no campo dos Estudos Culturais e Pós-coloniais, reconhecendo a complexidade dos estudos e a inesgotabilidade das reflexões ainda em andamento sobre as múltiplas conexões entre literatura, cultura e sociedade. É importante destacar que os Estudos Culturais e Pós-coloniais promovem a compreensão e a ruptura de uma História considerada única, permitindo criticar, legitimar vozes e revisar conceitos.

Conhecido por seus aspectos interdisciplinares, os Estudos Culturais permitem uma análise crítica das questões relativas às formas culturais enquanto sistemas simbólicos, entretanto, trazem marcas culturais do local onde foram produzidos, o que permite diversas configurações.

De acordo com Souza (2019)

A aproximação entre os Estudos Culturais e pós-colonialismo acontece por ser o segundo uma linha de estudo resultante do primeiro. [...] O pós-colonialismo, portanto, nasce a partir da visibilidade das condições expressas no discurso do domínio colonial (Souza, 2019, s.p).

Diversos autores, aqui citados, tais como: Hall (2022) e Bhabha (2019), revelam contribuições nesse campo de estudos. Não pretendemos, aqui, classificar ou rotular autores/as em determinado viés teórico no campo dos estudos literários, mas traçamos, apenas, aproximações com as vozes e as ideias desses/as teóricos/as. Partimos do pressuposto de que a literatura transcende limites de rótulos teóricos ou metodológicos, tendo em vista as múltiplas potencialidades do universo artístico-estético que a obra literária pode construir.

Nas discussões sobre a identidade cultural, o autor Hall (2022) destaca-se por trazer uma reflexão acerca das mudanças sociais como transformadora das identidades pessoais. O autor explora algumas questões acerca dos processos de mudança, que são fundamentais para a transformação da própria modernidade. Hall (2022), também, traz algumas concepções relacionadas ao caráter de mudança social e seu impacto sobre a identidade cultural.

De acordo com Hall (2022), a sociedade moderna se modifica de forma rápida e constante, já as tradicionais costumam venerar o passado e os símbolos por perpetuarem as experiências das gerações. O autor destaca, ainda, que o indivíduo não possui uma identidade fixa e isso possibilita a mudança, visto que estamos inseridos em um sistema de mudança constante, logo podemos assumir identidades distintas ao longo de nossa vida.

Nas reflexões acerca do confronto entre sistemas culturais, Bhabha (2019) discorre acerca das interconexões causadoras de transformação social. De acordo com o autor:

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente”, para os quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo “pós”: pós-moderno, pós-colonialismo, pós-feminismo (Bhabha, 2019, p. 19).

O conceito de fronteira, proposto por Bhabha (2019), diverge do que é apresentado pela geografia, pois, para o autor, a fronteira não consiste em uma linha que tem a finalidade de separar culturas, mas trata-se de um espaço onde se produz o hibridismo corrosivo das identidades nacionais. A fronteira consiste em um entre-lugar e o sujeito colonizado seria fruto da interação produzida nessas fronteiras.

Durante uma entrevista concedida ao Simpósio Trigésima Bienal de São Paulo, em 2012, Bhabha afirmou que o pós-colonialismo nem se foi e nem desapareceu e que ele possui um longo histórico e esse histórico lida com o presente, com o mundo em que estamos vivendo e que há sempre um “olhar para trás para poder ir além”, atitude que Bhabha chamará de esteporaneidade. Observamos que o “além” descrito pelo autor não é um novo horizonte e nem um abandono do passado, e que o início e o fim são os mitos de sustentação dos anos no meio do século.

Nas discussões acerca do vínculo estreito entre a literatura e cultura, o pensador russo Bakhtin (2017), que influenciou várias áreas do conhecimento, sobretudo, a linguística e a literatura, discorre sobre a leitura literária. O autor concebe a linguagem como algo indispensável para a construção da realidade dialógica e propõe uma interação entre texto, leitor e autor e, ao refletir sobre a Ciência da Literatura, Bakhtin (2017) afirma que:

Antes de mais nada, a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto plano de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, ligá-la imediatamente a fatores socioeconômicos, passado, por assim dizer, por cima da cultura (Bakhtin, 2017, p. 11).

Apesar da estreita relação entre cultura e literatura proposta por Bakhtin (2017), os termos ainda são compreendidos como duas linhas diferentes do saber. A

cultura associada ao modo de vida e comportamentos, enquanto a literatura estaria associada a tudo que é fixado por meio das letras.

Observamos que a literatura reflete as representações culturais, e que levará em conta a relação entre texto e contexto. Desse modo, percebemos a recriação de uma realidade que estará dependente do espírito do artista. É importante destacar que os acontecimentos passados não podem ser reconstruídos na sua totalidade e que as interpretações e as novas significações dependerão da época em que o leitor está inserido. Portanto, estamos sempre relendo os fatos de acordo com nosso ponto de vista.

Por transitar entre a ficção e a realidade, a literatura possibilita uma releitura do passado, com isso, é possível que as transformações políticas, sociais e econômicas promovam, ao longo dos anos, revisões da produção do passado. Essas produções sofrerão influência do ponto de vista do leitor, o que permitirá uma produção e proliferação infinita de discursos. Dessa forma, compreende-se que essas mudanças são responsáveis por alterar os resultados dos trabalhos intelectuais como também garantem a “correção” da maneira como o pensamento era apropriado.

Sendo assim, observamos que não é possível estudar a literatura desconsiderando a cultura de sua época. Para Bakhtin (2017), o autor sempre será um prisioneiro de sua época, porém os tempos posteriores sempre o libertarão de tal prisão.

Na próxima seção, traçaremos um breve panorama acerca dos autores e das autoras que serviram de base teórica para abordagem dos seguintes eixos temáticos: Literatura, mulher, sexismo, patriarcado e sociedade.

2.2. LITERATURA, MULHER E SOCIEDADE

Na literatura, apesar dos grandes avanços relacionados à condição da mulher enquanto ser agente, ainda observamos resquícios da herança colonial, que podem

se apresentar de maneira consensual ou conflituosa. Sabemos que a experiência relacionada à opressão de gênero sofrerá variações por classe e que a condição de subalternidade destinada ao sujeito feminino contribuiu para a rejeição ao eurocentrismo, que até então era tido como algo incorrigível. Nesse contexto, mulheres negras foram silenciadas e estereotipadas pela herança do colonialismo e do patriarcado.

A desvalorização da mulher negra, diferentemente da mulher não negra, tem suas raízes no período escravocrata, no qual o corpo negro teve sua integridade sexual destruída para fins econômicos ou para o chamado “entretenimento sexual” dos senhores de pessoas escravizadas. Acreditamos que o *status* do corpo sem valor da mulher negra surgiu no período colonial e permanece até os dias atuais, o que contribuiu para a estereotipificação da mulher negra como uma mulher sexual, apresentando-se como algo naturalizado e internalizado tanto nas relações sociais quanto na produção literária de autoria masculina.

Nessa pesquisa, discutimos, a partir de hooks (2019), acerca da opressão sexual como uma postura adotada pelo patriarcado que sempre buscou exaltar a castidade feminina e um modelo santificado da mulher com o objetivo de “adestramento” do corpo. hooks (2019) traz reflexões acerca da opressão sexual sofrida pelas mulheres e destaca questões referentes à libertação sexual feminina e seus aspectos negativos em uma sociedade sexista, enquanto Foucault (2020) apresenta, com base na experiência cristã do sexo, reflexões acerca da mulher “pura”, educada nos preceitos cristãos, representada pela igreja católica como a mulher que seguia todos os mandamentos por temor a Deus e preservação de sua imagem.

Se a virgindade era algo indispensável à salvação, para tornar-se “pura”, era necessária a disciplina à sujeição. Para Foucault (2014), a exigência de uma determinada conduta constitui um tipo de violência, “uma violência simbólica” sobre o corpo, gerada a partir da lógica de controle dos corpos, os corpos dóceis, onde o corpo dócil poderia ser moldado e aperfeiçoado.

A ligação entre mulher e estética, pureza e perversão são grandes marcadores do processo de “docilização” dos corpos femininos, o que a torna uma

arma de regulação e opressão sobre o sexo feminino. As reflexões de Butler (2019) são importantíssimas para a percepção da opressão a partir da tentativa de exclusão da figura feminina do grupo dos oprimidos.

Grande parte dos textos literários ocidentais foi historicamente amparada no patriarcado, em que se observa a sexualidade como prerrogativa para a construção da visão de subalternidade do sujeito feminino. Funkc (2016) e Figueiredo (2020) trazem reflexões acerca da produção literária de mulheres e da representação feminina na literatura quando criadas por homens. Ambas as autoras defendem a desconstrução da concepção cultural falocêntrica e sugerem um repensar do cânone literário que sempre silenciou a escrita de autoria feminina e preservou a escrita de autoria masculina.

Na próxima seção, apresentamos um mapeamento sistemático de pesquisas na área a fim de contextualizar o estado da arte no âmbito da produção científica, tendo em vista a temática de pesquisa indicada nesta dissertação.

2.3 MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DE PESQUISAS

O levantamento do estado da arte é uma etapa fundamental para o desenvolvimento de um trabalho de investigação, pois promove uma visão mais ampla e possibilita um resultado confiável, além de possibilitar a esquematização e a estruturação do tema da pesquisa.

No campo dos estudos literários, é muito importante verificar as produções científicas realizadas para fundamentar as análises literárias. Diante da seleção da obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* como corpus literário, partimos, inicialmente, de alguns pressupostos iniciais em termos da produção científica na área.

Nesse sentido, pensamos que, apesar de a produção literária de Jorge Amado ser reconhecida, internacionalmente, e os números de teses e dissertações publicadas sobre as obras do autor crescerem, significativamente, parece haver uma

lacuna no campo de pesquisas sobre o romance em tela. Isso nos impulsionou a realizar um estudo exploratório em portais científicos, a fim de mapear pesquisas já realizadas sobre o romance em tela. Com base nesse estudo exploratório, poderemos, certamente, avaliar, futuramente, os impactos de nossa pesquisa e suas possíveis contribuições para os estudos literários.

Diante do exposto, realizamos pesquisa exploratória em portais científicos para elaborar panorama de teses e dissertações publicadas, bem como artigos científicos produzidos com foco no nosso corpus literário selecionado para a realização desta investigação.

A partir de uma busca no *site* do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>, encontramos poucos trabalhos sobre o romance objeto de estudo dessa proposta de pesquisa. Obtivemos os seguintes resultados conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Mapeamento de pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Tipo	Título	Autor/a	Ano	Instituição
Dissertação	Relendo Pepetela e Jorge Amado: cenários lusófonos enviesados pelo realismo mágico – uma estrutura mítica pautada na vertente culturoológica.	Cláudia Cristina Ferreira	2002	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Dissertação	Mito e realidade na narrativa de Jorge Amado	Marco Antônio Batista Franklin de Matos.	2004	PUC-SP
Tese	Rascunhos de Jorge Amado e as escritas de "A festa": um episódio de <i>O sumiço da Santa</i> .	Elisabeth Baldwin	2005	UFBA
Tese	Investigando o uso de marcadores culturais presente em quatro obras amadeanas traduzidas para o inglês.	Valéria Cristiane Validório	2008	UNESP
Dissertação	<i>O sumiço da santa</i> : uma representação do híbrido literário-cultural-religioso.	Patrícia Gomes Germano	2008	UEPB

Tese	Mensageiros do sagrado e do profano: diálogos culturais nas obras de Jorge Amado, Gabriel García Márquez, Mayra Monteiro e Conceição Evaristo.	Ana Margarita Barandela García	2011	UFAL
Dissertação	Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico.	Gustavo do Rego Barros Brivio	2010	UFBA
Tese	<i>Gabriela, Cravo e Canela</i> : subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado, pela doutoranda Úrsula Lima Brugge.	Úrsula Lima Brugge	2015	UFCE
Dissertação	Uma leitura arquetípica do feminino em <i>Mar Morto</i> , de Jorge Amado: o sagrado e o humano, com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão.	Marcelo Barbosa dos Santos	2021	UFT

Fonte: Elaboração da pesquisadora (2023), com base em pesquisa exploratória no *site* do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

A dissertação intitulada *Relendo Pepetela e Jorge Amado: cenários lusófonos enviesados pelo realismo mágico – uma estrutura mítica pautada na vertente culturoológica* (UEL), defendida por Cláudia Cristina Ferreira, em 2002, se propõe a realizar uma análise dos elementos constitutivos do realismo mágico na obra dos autores citados.

Em 2004, na PUC-SP, foi defendida a dissertação de mestrado *Mito e realidade na narrativa de Jorge Amado*, de autoria de Marco Antônio Batista Franklin de Matos. Em 2005, Elisabeth Baldwin defendeu a tese doctoral intitulada *Rascunhos de Jorge Amado e as escritas de "A festa": um episódio de o sumiço da santa* (UFBA), em que analisa, a partir da perspectiva da crítica genética, os manuscritos do romance amadeano.

A tese intitulada *Investigando o uso de marcadores culturais presente em quatro obras amadeanas traduzidas para o inglês* (UNESP) foi defendida em 2008

por Valéria Cristiane Validório, no Doutorado de Estudos Linguísticos. Nesse estudo, a autora propõe analisar as dificuldades impostas pelas barreiras linguísticas na tradução de certos marcadores culturais nas obras de Jorge Amado, dentre elas *O sumiço da santa*.

No mesmo ano, foi defendida a dissertação *O sumiço da santa: uma representação do híbrido literário-cultural-religioso* (UEPB), de Patrícia Gomes Germano. O trabalho se propôs a analisar a obra do escritor baiano como um território de imprevisibilidades e hibridizações, consistindo na expressão da diversidade não só literária, mas também das identidades cultural-religiosas representadas.

Um outro registro encontrado foi a tese de Doutorado em Letras e Linguística da UFAL de Ana Margarita Barandela García, intitulada *Mensageiros do sagrado e do profano: diálogos culturais nas obras de Jorge Amado, Gabriel García Márquez, Mayra Monteiro e Conceição Evaristo*, estudo comparado sobre o sagrado nas raízes africanas de quatro romances latino-americanos. Nesse estudo, a autora analisa a presença do sagrado e do profano e a forma como os narradores subvertem a hegemonia do discurso religioso através da ironia.

A dissertação *Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico*, defendida em 2010, por Gustavo do Rego Barros Brivio, no mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, propôs investigar as representações sobre as personagens femininas que se prostituem, na literatura de Jorge Amado. No âmbito das relações étnico-raciais, a pesquisa restringiu-se apenas às personagens inseridas no universo sócio-ficcional da prostituição.

Em 2015, na Universidade Federal do Ceará, foi defendida a tese *Gabriela, Cravo e Canela: subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado*, pela doutoranda Úrsula Lima Brugge. A pesquisa investigou como se deram os processos de subjetivação/formação das mulheres dentro do romance e analisou como se deram as manifestações de resistência dessas personagens.

No ano de 2021, na Universidade Federal do Tocantins, foi defendida a dissertação *Uma leitura arquetípica do feminino em Mar Morto, de Jorge Amado: o sagrado e o humano, com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão*, por Marcelo Barbosa dos Santos. O trabalho propôs, a partir de uma pesquisa bibliográfica, analisar a relação entre literatura, arquétipos, sagrado feminino, gênero, estereótipos, diversidade étnica e religiosa com foco nas religiões afro-brasileiras.

Por fim, de acordo com a pesquisa exploratória realizada na plataforma acadêmica do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, em nenhum dos trabalhos foram encontradas pesquisas com o objetivo de estudar os processos culturais relativos à construção da sexualidade feminina a partir da religião na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado. Portanto, esta pesquisa ora proposta revela caráter inovador e poderá apresentar contribuições significativas para aprofundar estudos sobre a obra de Jorge Amado, sobretudo, considerando o reduzido número de trabalhos científicos que se debruçam, especificamente, sobre a obra literária objeto desta pesquisa.

Mesmo com a vasta produção ficcional do escritor baiano, e, considerando a diversidade de pesquisas sobre a obra de Jorge Amado, com análises de romances já legitimados pela crítica literária, a obra selecionada para esta investigação ainda merece destaque, sobretudo, quando visualizamos o número ainda incipiente de teses e dissertações com foco em análises literárias específicas para o romance *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*. Sem dúvida, tal obra precisa ser amplamente estudada e merece ser lida e relida continuamente, tendo em vista as múltiplas possibilidades que a leitura literária pode revelar aos leitores e às leitoras da produção ficcional de Jorge Amado.

2.4 A CRÍTICA FEMINISTA NA CONTEMPORANEIDADE

Sabe-se que escrever sobre o corpo feminino, em grande parte das culturas, possui um sentido pejorativo e isso se deve ao fato de que as religiões patriarcais sempre condenaram a sexualidade feminina. Ao discorrer acerca da condição da

mulher antes do patriarcado, a partir da análise do comportamento humano desde as primeiras sociedades humanas, Françoise d' Eauboone (1977) destaca que “A condição universalmente subordinada do sexo feminino estava muito arraigada numa tradição secular apoiada ao mesmo tempo nas religiões e no sistema de moral [...]” (Eauboone, 1977, p. 10).

Com isso, percebemos que, no sistema atual da humanidade, ainda é possível perceber a manutenção da ideia da superioridade masculina, entretanto, é importante ressaltar que o patriarcado tem início quando o homem adquire o conhecimento relativo à paternidade, “[...] que retirava das mulheres o seu poder de agente exclusivo da procriação e de intermediária entre a humanidade e a divindade” (Eauboone, 1977, p. 16). Foi a partir da década de 1970 que o termo patriarcado passou a ser utilizado para se referir a esse sistema social em que há o predomínio da autoridade masculina. Em busca da desconstrução desse sistema, vários movimentos buscaram reivindicar a igualdade de direitos para todos os seres, como é o caso do movimento feminista.

Compreender o surgimento do feminismo e as questões ligadas aos estudos de gênero na literatura são dois pontos indispensáveis para que se possa discutir acerca da crítica feminista na contemporaneidade. Para isso, é preciso levar em consideração dois momentos: a mulher enquanto leitora e a mulher enquanto escritora.

Atualmente, há uma presença marcante da mulher no campo educacional, mas nem sempre foi assim. Durante muito tempo a educação para as mulheres restringiu-se a uma formação totalmente voltada para os cuidados da casa e da família, pois acreditava-se na inferioridade intelectual feminina.

É possível compreender, dessa forma, que a condição das mulheres à época do Brasil colônia estava atrelada a função do seu corpo biológico, como meramente reprodutor, e o destino daquelas, que de alguma forma, subvertiam essa ordem, era a reclusão em conventos. A educação ainda era privilégio de algumas poucas [...] (Krause, 2016, p. 08).

Durante o período colonial brasileiro, a educação era voltada para o público masculino o que fez com que a mulher ficasse excluída do sistema educacional da época. De acordo com Krause (2016), os colégios jesuítas instalados no Brasil buscavam legitimar os interesses da coroa portuguesa a partir da educação e catequização dos povos indígenas e, nesse contexto, não havia preocupação com a educação das mulheres. Ainda de acordo com a autora, as primeiras letras eram aprendidas em casa ou então nos conventos. O letramento feminino nessa época visava à instrução religiosa, mas isso não significava, necessariamente, a aceitação de uma vida devotada aos preceitos da igreja católica.

A situação relativa ao acesso das mulheres sofre modificações ao longo do tempo. Apenas em 1975 a educação para meninas foi instituída no Brasil, no entanto, mulheres negras não estavam inseridas nesse contexto por serem vistas como objetos, que poderiam ser trocados ou até mesmo vendidos.

Mesmo com a inserção da mulher na escola, nem todas as mulheres brancas desfrutavam desse privilégio. Essa falta de acesso à educação por parte das mulheres, contribuiu para que o hábito de leitura e escrita continuasse sendo predominantemente masculino, mas, de acordo com Bellin (2011):

Com o surgimento da sociedade burguesa, que ampliou a escolarização das camadas altas e médias da sociedade, e também com o início do romance sentimental no século XVIII, há uma ampliação no universo de leitores, sendo que as mulheres passam a ser as principais leitoras desses romances sentimentais, que tratavam de assuntos considerados tipicamente “femininos”, tais como o casamento por interesse, a conquista de um grande amor, as decepções amorosas, o ciúme e a infidelidade (Bellin, 2011, p. 03).

Foi a partir desse momento que as mulheres, em sua maioria brancas, passaram a ter contato com o texto literário, porém apenas na condição de leitoras, as quais mergulhavam em uma literatura escrita por homens, que moldavam a realidade, o pensamento e a linguagem, uma produção na qual a figura feminina jamais poderia representar a experiência humana.

Os temas domésticos e amorosos tomavam conta da produção literária de autoria masculina, e essa produção, na maioria das vezes, era aceita pelo público

feminino sem nenhum questionamento e sem nenhuma forma de protesto. Vale lembrar que as mulheres citadas anteriormente se referem, em grande parte, às mulheres brancas, visto que grande parte da população feminina negra não tinha acesso à educação. Para hooks (2019), as mulheres brancas e com curso superior eram condenadas ao confinamento doméstico e aconselhadas a não “quebrar” a norma vigente, fato que propiciava a continuidade de disseminação da linguagem da exclusão e opressão.

É importante destacar que:

As doutrinas do patriarcalismo, movidas pelos interesses masculinos de dominar a sociedade, revelam uma série de subterfúgios. Até o final do século XIX, à mulher foi negado o direito ao aprendizado escolar, o que implicou a ausência da escrita e da leitura em sua vida (Jacomel, 2000, p. 11).

Apesar de, muitas vezes, estarem às margens da sociedade e ausentes do pensamento intelectual e político, as mulheres sempre escreveram, porém menos em termos de visibilidade se compararmos à produção literária masculina. Sabemos que a inserção da mulher no campo da literatura foi um processo árduo, pois a literatura sempre foi elitista, composta por homens héteros, brancos e que ditavam como também validavam todo conhecimento produzido. Figueiredo (2020) destaca o descaso e o desprezo dos intelectuais do sexo masculino pela teorização feminista, de acordo com a autora, “é preciso revisar o cânone, é preciso reeditar os livros e promover a leitura” (Figueiredo, 2020, p. 89).

A representação do eu por meio da fala sempre representou um grande problema para mulheres escritoras, pois, na maioria das vezes, elas tiveram suas vozes silenciadas ao serem inseridas no regime patriarcal, fazendo com que não marcassem presença através da fala na literatura, com exceção das que omitiam seus nomes na autoria da publicação a partir de pseudônimos masculinos para evitar críticas por estarem exercendo um papel que não havia sido designado para elas.

De acordo com Funkc (2016):

[...] a mulher sempre esteve presa aos textos da tradição (masculina), cujas imagens de passividade e decoro interferem na autodefinição e autonomia tão necessárias para a atividade criativa. [...] O ato de falar a raiva foi uma postura decisiva para a desconstrução do conceito tradicional do feminino (Funkc, 2016, p.86).

A revolta pela não aceitação da condição de subalternidade fez com que muitas escritoras discordassem da paternidade literária e buscassem adentrar em uma esfera na qual o masculino era privilegiado. Não se tratava de mulheres revoltadas e com o desejo de serem iguais aos homens, mas sim de contribuir para o enfraquecimento do sistema de dominação dos corpos femininos, o patriarcado.

Conforme hooks (2020):

E essa clareza nos ajuda a lembrar que todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quanto homens (hooks, 2020, p. 13).

Sendo assim, muitas mulheres, por estarem separadas do masculino por um coeficiente simbólico negativo justificado por questões biológicas, sociais e culturais, muitas vezes não conseguiam perceber a dominação masculina e, conseqüentemente, acabavam contribuindo para a disseminação do discurso dominante.

Partindo do pressuposto de Ramalho Ortigão de que “O primeiro dever de uma mulher honesta era não ser conhecida” (*apud* hooks, 2020, p.86), observamos a censura exercida pela cultura falocêntrica, que se baseava na religião e exaltava o pudor e a pureza feminina. Figueiredo (2020, p. 93) destaca que a mulher que assassina o “anjo do lar”² sofre punições pelos homens.

² Termo utilizado por Virginia Woolf (1931) para se referir as mulheres que se submetiam, sem questionamentos, a opressão sexista. A autora faz uma crítica ao poema Anjo do lar, do poeta inglês Coventry Patmore, do século XIX.

Ao assassinares o “anjo do lar” e começarem a escrever, as mulheres passaram a dissolver as barreiras tradicionais ao romperem os laços com os valores até então difundidos através da literatura ao abordarem temas considerados tabus como “o incesto, o estupro, o erotismo, a lesbianidade, o aborto, a anorexia, a bulimia, a automutilação, a amamentação, a TPM, ou seja, assuntos cujo foco é o corpo” (Figueiredo, 2020, p. 93).

Na literatura ocidental, o masculino, quase sempre, era tido como criador, enquanto o sujeito feminino era criado, algumas vezes poderia até existir uma personagem marcante na produção literária da época, mas nunca era criada por uma mulher. Isso justifica, antes do século XX, a tímida inserção da mulher no campo literário, que sempre buscou espaço, democratização discursiva e lugar de fala. Exemplo disso foi o livro *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), um dos mais importantes do século XX e precursor do feminismo da segunda onda nos EUA, que inspirou toda uma geração na luta pelos direitos das mulheres, entretanto, excluía as mulheres negras.

Ao discorrer sobre o protagonismo do movimento feminista, bell hooks (2019) destaca que as verdadeiras vítimas do sexismo, segundo Friedan (1963) eram as mulheres brancas, que sempre gozaram de privilégios e desconsideravam as questões relativas às mulheres negras, pois necessitavam camuflar seus privilégios.

De acordo com Pinheiro (2023):

Essas vantagens que as pessoas brancas têm nós nomeamos de privilégio, e absolutamente todas as pessoas brancas são beneficiárias dele, por mais que não sejam signatárias. É um privilégio branco criar e sustentar por séculos o conceito de raça como mecanismo de hierarquização e domínio de seres humanos [...] (Pinheiro, 2023, p. 42).

Ainda de acordo com hooks (2019), inserir as mulheres negras no mesmo patamar que as brancas, seria colocá-las no mesmo nível do discurso e isso não seria algo viável e que poderia comprometer a manutenção de seus privilégios.

Grandes foram os obstáculos enfrentados pelas escritoras que lutaram pela democratização da produção literária, que, muitas vezes, precisou lidar com a preferência dos leitores e com o estereótipo que lhe foi atribuído. Foi durante o final do século XVII e início do século XIX que as mulheres passaram a lutar a favor da equidade de gênero, e isso também incluía a igualdade discursiva e intelectual.

A inserção das mulheres na literatura se deu através de muita luta. De forma gradual, elas foram sendo inseridas no campo literário e trazendo ao público, ainda de forma tímida, reflexões oriundas da experiência feminina, que até então era tida como uma literatura menor. Quebraram os padrões estabelecidos, pois, conforme Alves (2010):

Nas várias abordagens teóricas, depoimentos, textos poéticos e ficcionais, a escrita da mulher passa a violar este silenciamento. No cenário literário da contemporaneidade brasileira, com repercussões internacionais, no plano ficcional, surge uma voz ativa por meio da qual sobressai, quase sempre, o sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários relegados às mulheres (Alves, 2011, p. 183).

Observamos que a luta das mulheres também foi pela democratização do discurso literário, problema que se agrava quando levantamos questões relacionadas à classe e raça. Foi por volta do final do século XIX e início do século XX, que houve uma crescente na produção e visibilidade na literatura produzida por mulheres, isso rompeu com padrões culturais até então impostos à sociedade e deu voz à literatura e protagonismo à mulher enquanto escritora.

De acordo com Ribeiro (2017, p. 2), “uma mulher negra vai ter experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma”, com isso, dentro do próprio gênero ainda haverá uma divisão de produção válida e produção não válida. A mulher negra nesse contexto sofrerá um “triplo preconceito”, sendo o primeiro voltado para o seu gênero, o segundo para sua etnia e o terceiro relacionado a classe.

O racismo presente no campo literário torna as escritoras negras impossibilitadas de superar as limitações impostas pela supremacia branca. Brasil,

por exemplo, diversas autoras negras não receberam a devida atenção, como é o caso da Maria Firmina Reis, autora do primeiro romance escrito por uma mulher que não teve a devida visibilidade e da escritora Conceição Evaristo que, em 2018, se candidatou à cadeira número sete da Academia Brasileira de Letras – ABL e, mesmo com um enorme apoio popular, não foi eleita. Caso fosse eleita, seria a primeira mulher negra na ABL.

Dessa maneira, fica evidente que as heranças sociais, mesmo timidamente, ainda se mantêm presentes e que além do combate ao preconceito historicamente herdado é preciso democratizar o discurso literário, promovendo assim, a desconstrução do uso do lugar de fala como privilégio predominantemente masculino. Ressaltamos que as mulheres, independente de etnia, não lutaram por privilégios, mas sim por visibilidade, por igualdade, pelo fim das humilhações e imposições que as acompanharam e acompanham durante séculos.

A crítica feminista, nesse contexto, embarca um novo olhar sobre a literatura contemporânea ao refletir acerca da literatura de autoria feminina, bem como a respeito do papel da mulher na sociedade, considerando suas lutas e violências sofridas ao longo dos tempos, além de legitimar a existência das mulheres escritoras como sujeitos históricos.

2.4.1 A representação feminina no campo dos Estudos Literários

A representação do feminino na literatura revela uma história de opressão difundida a partir da cultura patriarcal, marcada por um discurso dominante de superioridade do masculino. Tanto na esfera social como na cultural, as mulheres sempre ocuparam uma posição de subalternidade, a qual neutralizava-as e tirava-lhes o direito de constituírem-se enquanto sujeito. De acordo com Butler (2019), a representação atua como um termo operacional num processo político, buscando estender visibilidade às mulheres enquanto sujeito político, entretanto, deve-se considerar que as categorias de poder, por sua vez, limitam, regulam e excluem os indivíduos ligados a uma mesma estrutura política.

Na literatura, a figura masculina, muitas vezes, representou liderança e ocupou uma posição de superioridade, isso refletiu na maneira como as mulheres eram representadas no campo literário. Para Beauvoir (1970):

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (Beauvoir, 1970, p.81).

Apesar da invisibilidade da voz feminina nos textos literários e a sua caracterização, na maioria das vezes, estar relacionada a submissão à religião, alguns autores promoveram uma ruptura desse sistema canônico e trouxeram personagens femininas que eram senhoras de suas próprias vontades, sugerindo a quebra do pensamento que se baseava no cânone, que, até então, se reduzia às experiências e aos problemas de um povo em particular, o europeu, “na qual uma face se considera superior e a outra inferior” (Grosfoguel, 2016, p. 27).

A exclusão da mulher do sistema escolar foi um dos fatores que contribuiu para a invisibilidade feminina no campo literário. A falta de acesso à educação fez com que as mulheres não participassem ativamente das decisões políticas, sendo inferiorizadas socialmente. Foi a partir do surgimento dos movimentos feministas que ocorreram os primeiros avanços femininos no meio social. Para Funck (2016), a ausência da mulher na literatura se deve a fatores relacionados às restrições sociais e econômicas.

Durante do século XIX, a história das mulheres foi regida pelo patriarcado, e desde pequenas elas eram ensinadas que o seu papel na sociedade se restringia a casar, ter filhos, cuidar dos serviços domésticos e ser totalmente dependentes de seus maridos. O processo emancipatório das mulheres foi bastante árduo, mas a partir do acesso à educação e de sua inserção no mercado de trabalho, elas romperam o padrão estabelecido, isso se refletiu na literatura, ao tratarem do corpo,

deixando de lado a descrição de um narrador observador que apresentava uma figura feminina submissa e inserida em uma sociedade altamente machista.

Na literatura de autoria masculina, observa-se o conservadorismo sócio-histórico presente na cultura das relações de gênero onde “a mulher ideal é perfeitamente estúpida e submissa; está sempre preparada para acolher o homem e nunca lhe pede nada” (Beauvoir, 1970, p.245).

A desvalorização da mulheridade negra, diferentemente da mulher não negra, tem suas raízes no período escravocrata, no qual o corpo negro teve sua integridade sexual destruída para fins econômicos. De acordo com Angela Davis (2016):

Mas as mulheres sofriam de uma forma diferente, porque eram vítimas do abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente a sua condição de fêmeas (Davis, 2016, p. 19).

O *status* do corpo sem valor da mulher negra surgiu no período colonial ainda pode ser percebido atualmente, o que contribuiu para a estereotipificação da mulher negra como uma mulher sexual e forte, enquanto as brancas eram consideradas o sexo frágil e, por isso, precisavam ser protegidas e eram proibidas de tomarem suas próprias decisões e conduzir o destino de suas vidas. Essas não eram representadas a partir da objetificação de seu corpo, que era o que acontecia com as mulheres negras. Para Collins (2021),

A aparência não apenas carrega um peso diferencial para homens e mulheres, mas diferentes estereótipos relacionados às mulheres negras se apoiam em crenças sobre sua sexualidade. Essas ideias remontam às noções de identidade nacional, usando raça, gênero, sexualidade e cor como fenômenos interseccionais (Collins, 2021, p.42).

Quanto à literatura de autoria feminina, esta possibilitou a caracterização da mulher fora do lar, permitiu o rompimento do silêncio e a transposição de espaços diferentes dos preestabelecidos culturalmente, enfraquecendo, assim, a cultura falocêntrica ao apresentar ao público obras que levam em conta as experiências das mulheres e suas subjetividades. No entanto, ainda hoje, muitas escritoras afrodescendentes sofrem com a invisibilidade no campo literário, as quais tiveram sua produção literária rotulada de literatura menor ou de menor prestígio.

Sobre a escrita de autoria feminina negra, Salgueiro (2001) afirma que:

Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra”, escritoras de origem africana tais como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira, Sonia Fátima da Conceição, Geni Guimarães, entre outras, examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas, tais como a vida à margem nas grandes cidades, o preconceito nas situações mais corriqueiras do dia a dia, a exclusão já presente nos livros escolares. Narram sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui (Salgueiro, 2001, p.02).

Escrever, para algumas mulheres, em especial, as negras, trata-se de uma maneira de adquirir poder que lhes foi negado pelo processo de escravização. A criação literária para essas mulheres é uma forma de emancipação e resistência que busca descolonizar tanto a mente dos leitores quanto a própria história de uma sociedade em que os brancos arquitetam todos os mecanismos estruturadores.

Sabemos que as mulheres negras são oprimidas e inferiorizadas socialmente, enquanto as mulheres brancas gozam dos privilégios da branquitude, ainda que estas sejam pobres. Sendo assim, além de terem que lidar com o racismo, as escritoras negras ainda precisam “conquistar o gosto do leitor” que valoriza a estética literária branca e europeia. Sobre o conceito de branquitude, Pinheiro (2023) afirma que:

O termo branquitude não se refere às pessoas em suas singularidades; trata-se de uma categoria social, que se refere a um lugar de vantagens simbólicas, subjetivas e materiais disponíveis para as pessoas identificadas como brancas em uma sociedade em que o racismo é estrutural (Pinheiro, 2023, p. 40).

Sendo assim, podemos observar que as escritoras negras, anônimas ou não, possuem uma trajetória marcada por uma submissão estereotipada negativamente. Entretanto, seguem buscando a inserção em um sistema canônico que se vale de critérios baseados na etnia, classe e gênero para reconhecer o que será de fato conhecimento válido.

2.5 O ENFOQUE DE ROGER CHARTIER: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Chartier promoveu uma ruptura nos modelos explicativos que possuíam como foco principal as estruturas sociais econômicas e deu mais atenção aos aspectos culturais. A cultura que anteriormente era compreendida a partir da realidade e sujeita às determinações materiais, agora seria a uma dimensão do comportamento humano que não poderia ser reduzida às determinações econômicas. Nesse momento surge o que chamaremos de Nova História Cultural, um novo repensar que não se baseava apenas na Sociologia, mas também na Antropologia e na Teoria Literária.

A História Cultural teve como representante o historiador Roger Chartier, e só se tornou possível a partir da expansão dos estudos historiográficos, e se abriu para outros estudos como as práticas discursivas, a cultura popular, ou qualquer outro estudo que tivesse alguma relação com a polissêmica noção de cultura.

É esta História Cultural – aqui entendida no sentido de uma história da cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida – que passou a atrair o interesse de historiadores dos mais diversos matizes teóricos desde o último século, inclusive no seio da historiografia marxista. Neste sentido, não estaremos neste momento utilizando a expressão “História Cultural” para nos referirmos a esta ou àquela corrente historiográfica mais recente (a “Nova História Cultural” francesa, por exemplo), mas sim para designar toda

historiografia que se tem voltado para o estudo da dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada (Barros, 2005, p. 126).

São inúmeros os objetos de estudo da História Cultural, que abarca diversos eixos, não se limitando apenas ao estudo da produção literária conhecida oficialmente. Dentre os eixos abarcados pela História Cultural os cinco principais são os processos, os padrões, as práticas, os objetos culturais e os sujeitos.

Ao discorrer acerca do interesse dos historiadores do século XIX, Barros (2005) deixa claro que esses profissionais valorizavam a cultura renascentista, pois esta era compreendida como “alta cultura”. É importante destacar que o movimento renascentista se desenvolveu na Itália, no período que vai do século XIV ao século XVI.

o palco mais prodigioso da efervescência renascentista”, Florença vivenciou o amor dos artistas ao belo, a sua idealização. Viu nascerem artistas como Michelangelo Buonarroti. Entre os florentinos logo se definiu uma das mais influentes correntes do pensamento humanista: “o platonismo, cheio de consequências para toda a história das ideias e da arte do período” (Sevcenko, 1985, p.18).

O período marcou o processo de construção do homem moderno e da sociedade contemporânea e teve como destaque a posição do artista e o desprezo pela cultura popular, “além disto, negligenciava-se o fato de que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura” (Barros, 2005, p. 127).

Desde seu nascimento o homem participa da cultura mesmo que esse não seja um artista, e, de acordo com Bakhtin (2017), as relações do homem com o mundo são mantidas através da linguagem. Nesse sentido, observamos que as práticas humanas dizem muito sobre o indivíduo e que “as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam esta noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura [...]” (Barros, 2005, p. 127).

A partir da noção de representação e práticas sociais, o historiador Roger Chartier propõe uma nova reconciliação com os fenômenos históricos. Para Chartier (1990), as práticas culturais não podem ser compreendidas de forma pacífica, isto é,

situadas além do poder e das representações, que são compreendidas com categorias que possibilitam a percepção da realidade.

Nesse sentido, observamos que a cultura, as representações e as práticas sociais são trespassadas por relações de poder e dominação. Ao explorar as conexões entre as práticas sociais e as representações a partir das “lutas de representação”, fica evidente que as práticas de poder operam de modo articulado e simultâneo como esforço discursivo de racionalização do poder.

2.6 LITERATURA, RELIGIÃO E SEXUALIDADE

No primeiro século de existência, o Cristianismo vinculou a questão da moral sexual à prática da virgindade. De acordo com Foucault (2020):

A virgindade em geral é definida como “santificação, como vontade de Deus, e o que esta vontade quer é que, criados a sua imagem, nós nos assemelhemos a ele. Há então três graus de virgindade: aquele de que se é dotado no nascimento e que, se o conservamos, nos permite ignorar aquilo de que desejaríamos mais tarde nos libertar; aquele que recebemos do segundo nascimento no batismo, e que praticamos seja no casamento, seja na viuvez; enfim, aquele que Tertuliano chama “monogamia” e que, após a interrupção do casamento, a partir de então renuncia ao sexo (Foucault, 2020, p.198-199).

Observamos que a ideia difundida a partir do cristianismo baseava-se na abstenção das relações sexuais em favor de uma existência santificada. Foucault (2020) destaca que a mística da virgindade está diretamente ligada à salvação. Nesse sentido, o sexo era aceitável para a finalidade da procriação, afinal, procriar implica o impedimento da lei de morte.

Percebemos que a valorização da virgindade possui um longo histórico ligado à religiosidade, sendo no cristianismo algo que aproxima as pessoas do divino. A valorização do indivíduo baseava-se em sua conduta sexual, entretanto tratava-se de uma conduta imposta pela religião e não uma abstenção por vontade do sujeito.

Podemos observar a estreita relação da castidade com a pureza espiritual e o processo de docilização dos corpos imposto pelo cristianismo. Para Foucault (2014),

as sociedades utilizam mecanismos de poder para coagir e disciplinar indivíduos, conforme suas vontades e necessidades. De acordo com o autor, esse método permite o controle e aperfeiçoamento, estabelecendo então, uma relação de dócil-útil. Conforme Foucault (2014): “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’ ”(Foucault, 2014, p. 133).

Independente da época, podemos observar que as questões relacionadas ao sexo sempre foram mais libertadoras para os homens e que as mulheres valorizadas pela sociedade foram aquelas que possuíam sua honra vinculada ao homem, este por sua vez, possuía a função legitimadora, fato que contribuiu para a opressão feminina. Muitas vezes, para conseguir viver em uma comunidade, muitas mulheres foram obrigadas a adotar posturas determinadas pela sociedade vigente, mesmo que essas posturas não fossem transmitidas ou exigidas ao homem.

Os discursos relacionados à sexualidade, antes repreendidos, foram estimulados a partir das confissões, um instrumento desenvolvido pela igreja para quebrar o silêncio em torno das experiências e desejos sexuais. Foi a partir desse momento que houve a quebra do silêncio e a vida sexual deixou de ser trancada a sete chaves. Os temas relacionados à sexualidade circulavam em diversos discursos. Muitas vezes, estavam nas confissões, nos hospitais psiquiátricos ou até mesmo nos diários íntimos.

Observa-se que as questões relacionadas ao corpo e à sexualidade nem sempre possuíam o caráter de obscenidade, as imagens e estátuas de cerâmica da Grécia Antiga, por exemplo, apresentavam homens e mulheres desnudos, entretanto, a influência da igreja na Idade Média contribuiu para a repressão ao sexo e as coisas relativas ao corpo. Essa influência que pregava a submissão e exaltação aos valores cristãos influenciaram não tanto o comportamento social como a produção literária.

Observamos, na literatura, principalmente de autoria masculina, a exaltação aos valores relativos à pureza e à submissão aos preceitos cristãos e a submissão da mulher ao sistema patriarcal, desta maneira, as mulheres foram condicionadas a

uma posição de inferioridade, na qual restava, apenas, a submissão ao marido, as atividades domésticas e os cuidados com os filhos. Durante muito tempo, a mulher foi representada, na literatura, a partir da experiência masculina. Sobre a dominação masculina, Bourdieu (2012) afirma que:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (Bourdieu, 2012, p. 07-08).

Para o autor, a violência simbólica apresentava-se de forma sutil, o que permitia que o sujeito feminino incorporasse os valores culturais e naturalizasse os processos de dominação masculina. Observamos, na literatura, a existência social feminina atrelada ao homem, onde, muitas vezes, revela as marcas geradas pela ideologia de gênero, na qual a mulher é, predominantemente, representada como dependente do sujeito masculino.

No próximo capítulo trataremos da metodologia utilizada para realização da análise da obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

As discussões relativas à crítica literária feminista vêm ganhando notoriedade devido ao crescimento do interesse pela temática e as produções acerca da temática. Por promoverem uma reflexão sobre as questões relativas à opressão sexista, classe, etnia e gênero, consideramos que seu estudo é bastante relevante para a compreensão da produção literária de Jorge Amado, em especial, *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*. Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, partimos da seguinte questão norteadora: Como se dá a representação feminina na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, considerando a construção das personagens Adalgisa e Manela e os processos culturais que envolvem a religiosidade e a sexualidade?

Sabemos, também, que a crítica literária feminista promoveu um avanço nos estudos relativos às problemáticas que envolvem as mulheres na sociedade, bem como a luta emancipatória daquelas que sempre foram o sexo da coragem e resistência.

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação, realizamos uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de encontrar respostas, que de alguma maneira, possam contribuir para a reflexão das questões relativas à religiosidade, sexualidade, literatura e sociedade.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Quanto ao aspecto metodológico, esta pesquisa configura-se como uma investigação de caráter bibliográfico, apresenta abordagem qualitativa. De acordo com Godoy (1995), a pesquisa de caráter qualitativo se preocupa com os aspectos da realidade, centrando-se em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais.

Sobre as contribuições da abordagem qualitativa, Godoy (1995) destaca que atualmente esse tipo de pesquisa oferece possibilidades de estudo dos fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes.

Nesse sentido, a partir de registros ordenados e regulares foi possível compreender como se deram os processos relativos à mulher e à literatura num dado período e em uma determinada sociedade.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DA OBRA LITERÁRIA

Para a realização dessa pesquisa, foi realizada uma análise da obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, e por tratar-se de um trabalho eminentemente de caráter hermenêutico crítico-analítico e interpretação de material bibliográfico, utilizamos textos teóricos que serviram de apoio e fundamentação de nossa investigação, pois a pesquisa bibliográfica, segundo Fonseca (2002), permite ao pesquisador conhecer os referenciais teóricos já publicados acerca da temática abordada, o que possibilita uma reflexão acerca do problema ao qual se busca respostas.

De acordo com Gil (1999, p. 94), “[...] métodos de pesquisa qualitativa estão voltados para auxiliar os pesquisadores a compreenderem pessoas e seus contextos sociais, culturais e institucionais”, e buscando atender essa perspectiva, dividimos a pesquisa em duas etapas, a seguir:

a) *Levantamento e reconhecimento do material bibliográfico*: realização de leituras que objetivaram selecionar materiais relevantes e relacionados à temática.

b) *Análise da obra literária*: esta foi baseada no referencial teórico norteador para a pesquisa.

A escolha do método de estudo deu-se pela possibilidade de flexibilização na apreensão dos dados e uma compreensão crítica dos significados neles existentes.

4 RUMO À ANÁLISE LITERÁRIA: INTERFACES COM LEITURAS PLURAIS DA OBRA *O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA*, DE JORGE AMADO

Neste capítulo, com base no desenho teórico-metodológico norteador desta investigação, apresentamos a análise da obra literária *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado. A investigação foi organizada com base em um protocolo de análise, considerando-se a arquitetura literária e as conexões entre os elementos composicionais do romance.

A construção das personagens femininas e as múltiplas conexões com temáticas relativas à sexualidade e a religiosidade são eixos relevantes na organização da análise. Nesse sentido, esses eixos temáticos configuram-se como categorias de análise a partir da leitura crítica do romance selecionado. A edição da obra literária analisada foi publicada pelo Círculo do Livro S.A. em 1988. Trata-se da primeira edição do romance publicada no Brasil.

Organizamos um protocolo para orientar a leitura crítica da obra literária, considerando as etapas de análise, interpretação e construção do discurso crítico, com base nas articulações entre os referenciais teóricos e metodológicos indicados nesta investigação. No desenho da análise literária, consideramos as seguintes seções, conforme o Quadro 2.

Quadro 2: Organização dos eixos temáticos norteadores da análise literária

Seções temáticas do capítulo de análise da obra literária	Breve descrição
4.1 O lugar do romance <i>O sumiço da santa: uma história de feitiçaria</i> na obra de Jorge Amado.	Elaboramos uma descrição geral do romance <i>O sumiço da santa: uma história de feitiçaria</i> , considerando a produção literária de Jorge Amado e o lugar desta obra específica na trajetória literária do autor baiano. Tratou-se de uma contextualização geral do romance e o desenho de uma visão panorâmica desta obra na dimensão maior da produção literária de Jorge Amado.
4.2 Entre a história e a ficção.	Nesta seção, tratamos do entrecruzamento dos fatos históricos com a ficção, a partir da

	representação da história nos textos literários.
4.3 A construção das personagens na obra <i>O sumiço da santa: uma história de feitiçaria</i> : representação feminina e pluralidade de vozes e identidades sociais.	Nesta seção, tratamos da análise das personagens femininas na obra literária. Compreendemos como se dão os processos culturais relativos à sexualidade e à religiosidade das personagens Adalgisa e Manela, e a representação feminina no campo dos estudos literários. Retomamos as questões referentes à identidade, às representações sociais e à sexualidade feminina.
4.4 Adalgisa e Manela: entre o sagrado e o profano	Destacamos as concepções de profano e sagrado com base na visão difundida pela igreja católica e pela religião de matriz africana.
4.5 Literatura, religião e sexualidade: conexões com processos culturais na obra <i>O sumiço da santa: uma história de feitiçaria</i> .	Destacamos as conexões entre os eixos literatura, religião e sexualidade, considerando os processos culturais na obra de Amado, assim como a maneira como as relações de poder influenciam as relações sociais e como a opressão sexual atua como um fator regulador da conduta feminina.
5.0 Libertação: sexo e religião.	Realizamos uma reflexão acerca da experiência cristã do sexo e destacamos os limites impostos pela igreja católica às questões relativas à sexualidade.
6.0 A mitologia africana e afro-brasileira na literatura: a questão do racismo	Nesta seção, tratamos da importância da utilização das narrativas da religiosidade africana nos centros educacionais e das dificuldades dos que buscam atender às propostas da Lei nº 10639/2003.

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Na próxima seção, apresentaremos um panorama da produção literária de Jorge Amado, a fim de contextualizar a importância do romance *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* no conjunto do universo ficcional do referido autor.

4.1 O LUGAR DO ROMANCE *O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA* NO PANORAMA DA PRODUÇÃO FICCIONAL DE JORGE AMADO

Autor de uma vasta produção literária, Jorge Amado teve muitas de suas obras traduzidas em vários países. Desde muito pequeno, amava a leitura e buscava a quebra do padrão socialmente estabelecido ao dar visibilidade, em sua

produção, aos sujeitos até então marginalizados socialmente. De acordo com Aguiar (2018), foi através das leituras dos livros tidos como imorais que Amado pôde ver o mundo de outra forma e, com um pouco mais de quinze anos, já publicava em revistas literárias como *A Luva* e *A Semana*, ambas da década de 20.

Acreditamos que Amado pôde ver de perto a violência sofrida pelos adeptos ao candomblé na Bahia quando assumiu a função de repórter de uma página voltada para assuntos policiais do Diário da Bahia. Dentre as informações que eram coletadas, estavam as atrocidades cometidas contra terreiros de candomblé e seus adeptos.

Assim como a personagem Manela, em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, Amado também foi criado dentro dos preceitos do catolicismo, mas tornou-se adepto ao candomblé. Acreditamos que o embate entre o catolicismo e a religião de matriz africana na vida da personagem pode ter como motivação algo vivenciado pelo autor, pois de acordo com Aguiar (2018), quando criança, Amado iniciou seus estudos em um internato, lugar onde ele se sentia um prisioneiro. Durante sua condição de interno, além das aulas, o dia era preenchido com missas e orações.

A relação de Jorge Amado com o candomblé da Bahia iniciou-se pouco após a sua saída do internato. Para o autor, todos os terreiros eram iguais e não havia distinção entre eles. Trazê-los ao campo literário era também uma forma de preservação. Em grande parte de sua produção literária, encontramos referências religiosas, com isso, o autor teve um papel importante na difusão da imagem do candomblé no Brasil e passou a ser bastante respeitado dentro dos terreiros.

A luta pela visibilidade e respeito aos terreiros transcende à literatura, pois mesmo diante da resistência dentro do Partido Comunista Brasileiro (PCB-SP), Amado, enquanto deputado federal, lutou a favor do livre exercício da crença religiosa e deixou como legado a emenda 3.218, que foi aprovada e converteu-se no art. 141, §7º da Constituição de 1946.

Jorge Amado, através de suas obras, teceu elos entre a vida real e a ficção. Foi durante a fase mais popular de sua produção literária que o escritor baiano

apresentou mulheres que não se mostravam submissas ao homem, mas que possuíam o poder de traçar seus destinos.

Na obra *Gabriela, cravo e canela* (1958), o autor dá destaque ao cotidiano da cidade de Ilhéus e aborda a temática relacionada ao estereótipo construído em relação ao povo negro, em especial, a mulher negra. Na obra em questão, Amado mescla o ficcional e o histórico ao retratar a sociedade brasileira, destacando a condição feminina em uma determinada época. A ruptura com a dominação masculina perpassa grande parte de suas obras.

Em seu romance intitulado *Tieta do Agreste* (2001), por exemplo, Amado apresenta uma personagem que subverte a ordem estabelecida e promove mudanças na sociedade na qual está inserida, já em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* (1988), propõe uma desarticulação do cânone literário ocidental ao dar voz aos marginalizados e inseri-los em um espaço considerado de prestígio: a literatura. Não apenas os costumes do povo baiano, mas também as divindades da religião de matriz africana ganham espaço em sua produção literária, que também busca denunciar a exclusão daqueles que, de diversas formas, contribuíram para a construção e a caracterização do nosso país.

Desqualificado pela cultura do Ocidente, o candomblé que é uma religião afro-brasileira é visibilizada positivamente por Jorge Amado (1988), que contribuiu para que alguns candomblecistas transcendessem o ambiente dos terreiros da Bahia e ganhassem notoriedade, tornando-os figuras representativas do candomblé na literatura.

Em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, observamos a disposição das personagens firmadas no povo negro e sua relação com a religiosidade:

Lá se foi Santa Bárbara, a do Trovão, subindo a Rampa do Mercado, andando para os lados do Elevador Lacerda. Levava certa pressa, pois a noite se aproximava e já era passada a hora do padê!¹. Também o negro bem-posto se inclinou ao vê-la, tocou o chão com os dedos, depois os levou à testa e repetiu: Eparrei! O negro era Camafeu de Oxóssi, obá de Xangô [...] (Amado, 1988, p.20).

Amado também buscou exaltar o que há de belo na Bahia: “A Bahia de todos os santos é a porta do mundo, como se sabe. [...] Quanto à beleza, não há comparação que se possa fazer nem existe escritor capaz de descrevê-la” (Amado, 1988. p. 18).

Valendo-se da mescla entre o ficcional e o histórico, o romance, que é ambientado na província da Bahia, inicia-se com o relato de como foi a condução da imagem de Santa Barbara à capital para ser exibida em uma exposição de arte sacra: [...] o saveiro recebera em Santo Amaro da Purificação o encargo – melhor dito a missão – de conduzir à capital a imagem de Santa Bárbara, a do Trovão, famosa por sua beleza secular e por milagreira [...] (Amado, 1988, p. 15).

Ao chegar ao seu destino, e às vésperas da exposição, a imagem de Santa Bárbara “saiu do andor, deu um passo adiante, ajeitou as pregas do manto e se mandou” (Amado, 1988, p. 20). Nesse momento, a santa da igreja católica se transmuta em Yansã, e “antes que as luzes se acendessem nos postes, Yansã sumiu no meio do povo” (Amado, 1988, p.20).

A partir da transmutação de Santa Barbara em Iansã, observamos a presença do sincretismo religioso, sendo esse termo compreendido por muitos como uma forma encontrada pelos escravizados de preservação de sua religião, pois consiste no ocultamento dos orixás devido à impossibilidade de cultuá-los de forma pública por conta da ignorância e desconhecimento acerca da cultura e ancestralidade do povo africano. Por isso, é comum, na Bahia, como também em outras regiões do Brasil, haver uma correspondência entre os santos católicos e as divindades africanas. Observamos, também, a inversão desse ocultamento, pois após a chegada de Santa Bárbara à Bahia o termo Iansã é predominantemente utilizado para se referir a santa católica, e não mais um nome de um santo da igreja católica para se referir à divindade africana.

Os terreiros de candomblé, no Brasil, surgiram a partir da união compulsória de vários grupos étnicos trazidos da África na condição de escravizados, que aqui cultuavam divindades diferentes em um mesmo espaço. É importante destacar que, durante o final dos anos sessenta e anos setenta na historiografia brasileira, era

comum o uso do termo *batuque* para se referir a uma manifestação cultural oriunda do povo negro escravizado, a qual utilizava instrumentos de percussão.

Bastide (2001), ao discorrer acerca dos instrumentos de percussão presentes nos rituais de candomblé, busca dar ênfase a sua importância para o ritual de “chamamento” dos orixás: “Mas não são apenas os três tambores que têm o poder de evocar a vinda dos orixás; os *aguidavis* também, isto é, as baquetas³ [...] O agogô⁴, sino simples ou duplo, algumas vezes mero pedaço de metal batido por outro pedaço de metal [...]” (Bastide, 2001 p. 35).

Durante o carnaval baiano, saem às ruas desfiles dos blocos afros e afoxés, sendo este último um grupo formado por pessoas simpatizantes e adeptas ao candomblé, que saem às ruas para brincar o carnaval.

Na Rua Gregório de Matos os afoxés e os blocos afros se concentravam, uma boa meia dúzia, cada qual com sua música poderosa e sua negritude radical, produto da mestiçagem brasileira, inconfundível. Em frente à sede do Afoxé Filhos de Gandhi, glória do carnaval da Bahia, os seus componentes se organizavam [...] (Amado, 1988, p. 296).

O movimento diverte os foliões e ao mesmo tempo resguarda a entidade religiosa. Na obra de Amado, a chegada de Iansã à Bahia, durante o período de carnaval fora de época, foi algo proposital, pois o autor busca evidenciar a relação existente entre a festa de carnaval e a religiosidade.

Acreditamos que o batuque gerado pelos tambores durante a festividade baiana atua como uma evocação a orixá feminina Iansã, afinal, é som do tambor que promove a ligação do visível ao invisível, ou seja, estabelece uma conexão entre os praticantes como o mundo espiritual.

4.2 ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

³ Pequena vara utilizada para tocar instrumentos de percussão.

⁴ Trata-se de um sino único ou duplo que, para ser tocado, precisa ser golpeado por uma baqueta.

Ao longo da narrativa, observamos que Jorge Amado busca utilizar referências ancoradas em dados históricos, sociais e culturais, e com isso, cria a possibilidade de compreensão da prática social do povo baiano, como também contribui para a análise do passado. Ao discorrer acerca da relevância da literatura como missão histórica, Sevcenko (1999) afirma que: “[...] todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo - e é destes que eles falam” (Sevcenko, 1999, p. 20).

Ainda de acordo com o autor:

A literatura, portanto, fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos (Sevcenko, 1999, p.21).

Sendo assim, a obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* projeta um pouco do pensamento e do costume do povo baiano durante o final dos anos sessenta e começo dos anos setenta: “A importância da data é relativa, mas vale saber que tudo se passou num tempo curto de quarenta e oito horas, longo de vidas vividas, ao término dos anos sessenta ou nos começos dos anos setenta, por aí assim” (Amado, 1988, p.11).

A busca pela diminuição do sentimento de um esquema fixo faz com que Jorge Amado abuse do recurso da caracterização para descrever as personagens e suas ações, produzindo assim a ideia de ilimitado que, de acordo com Candido (2014),

Isso é possível justamente porque o trabalho de seleção e posterior combinação permite uma decisiva margem de experiência, de maneira a criar o máximo de complexidade, de variedade, com um mínimo de traços psíquicos, de atos e ideias (Candido, 2014, p.59).

Apesar de caracterizar a Bahia e as personagens de uma forma rica em detalhes, sabemos que se trata de uma abordagem fragmentária, pois trata-se de uma escrita dirigida pelo autor, carrega marcas da sociedade, da época, do ambiente social e cultural no qual o autor está inserido.

Ao analisar a obra em questão, observamos uma “costura” de várias diferenças em uma mesma identidade, a do povo baiano. Na representação ficcional da obra literária, fica evidente a imagem da “terra onde tudo se mistura e se confunde, ninguém é capaz de separar a virtude do pecado, de distinguir entre o certo e o absurdo, traçar os limites entre a exatidão e o embuste, entre a realidade e o sonho” (Amado, 1988, p. 35).

A riqueza de detalhes utilizada pelo autor para caracterizar o povo baiano, permite com que seja possível compreender a condição da mulher negra na época e o quanto o sexismo e o racismo, ambos construídos historicamente, ainda resistem e permanecem, de forma atemporal e simbólica na consciência contemporânea.

Observamos, ao longo da narrativa, a incorporação de dados históricos e políticos e isso contribui para que as vozes do passado, até então silenciadas, possam ser ecoadas. O recurso utilizado pelo autor para aproximar o ficcional e histórico permite uma melhor compreensão dos acontecimentos ocorridos na Bahia como também possibilita ao romancista, caso deseje, uma distorção do passado histórico.

Ao discorrer acerca da relação existente entre a literatura e a vida social, Candido (2023) destaca tanto a influência do meio social sobre a obra de arte, como também a capacidade da obra de arte influenciar o meio social. De acordo com o autor, é preciso investigar as influências que são exercidas pelos fatores socioculturais:

É difícil discriminá-los, na sua qualidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na recepção dos grupos receptores; os segundos na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão (Candido, 2023, p. 36).

Sendo assim, o autor, na maioria das vezes, orienta-se a partir dos valores de sua época e, ainda de acordo com Candido (2023), a síntese resultante poderá agir sobre o meio. Dessa forma, a obra não somente sofre influência do meio como também pode transformá-lo.

Partindo do ponto de vista sociológico, Jorge Amado, em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, é impulsionado a partir de uma experiência coletiva na qual incorpora um sistema simbólico vigente, o do povo baiano, com o intuito de renovação do sistema simbólico que até então se manteve refletido na literatura brasileira. Para isso, o autor insere em suas narrativas mulheres negras que protagonizam suas próprias histórias e modificam a sociedade na qual estão inseridas. Com isso, Jorge Amado utiliza a obra em questão “como veículo das suas aspirações mais profundas” (Candido, 2023, p. 40).

4.3 A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS NA OBRA *O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA*: REPRESENTAÇÃO FEMININA E PLURALIDADE DE VOZES E IDENTIDADES SOCIAIS

Ao longo da história, a representação do feminino na sociedade ocidental parece ter sido construída de forma dicotômica: a santa e a profana. Nessa perspectiva, a mulher ideal seria aquela submissa à religião patriarcal e ao sujeito masculino. De acordo com bell hooks (2020), durante muito tempo, as mulheres negras lutaram para mudar a imagem construída a seu respeito, que se baseava na do mito de que as mulheres negras eram sexualmente desinibidas e imorais.

Apoiando-se nessa ideia, muitas mulheres brancas induziam mulheres negras à busca pela santificação do corpo a partir da religião. Essa busca, na cultura ocidental e, na maioria das vezes, esteve relacionada a uma religiosidade marcada pelo pensamento sexista, que era difundido pela igreja católica e, posteriormente, inserido no ambiente familiar. Ainda de acordo com a autora, a opressão sexista

sempre utilizou o espaço doméstico como campo de batalha e, posteriormente, passou a ocorrer em qualquer esfera.

bell hooks (2020) destaca que a violência patriarcal dentro do ambiente familiar está fundamentada na ideia de que um indivíduo, através das relações de poder, possa fazer uso da força coercitiva.

O termo “violência patriarcal” é útil porque, diferentemente da expressão “violência doméstica”, mais comum, ele constantemente lembra o ouvinte que violência no lar está ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, à dominação masculina (hooks, 2020, p. 96).

A partir da análise comportamental das personagens na obra em questão, observamos que a opressão sexista sofrida pela personagem Adalgisa e por sua sobrinha Manela, se deu, inicialmente, no ambiente doméstico e de forma simbólica:

[...] Adalgisa trancava-se em seus princípios, herdados da madrinha, Dona Esperanza Trujillo, viúva sofrida e íntegra. Os princípios ditavam-lhe a conduta, Doña Esperanza educara-a para ser uma senhora. Dadá não transigia: os clangores da revolução sexual deixavam-na indiferente, não tomara conhecimento da pílula. Moça séria ali estava, comentavam as comadres nas igrejas (Amado, 1988, p. 97).

A personagem Adalgisa busca a santificação de seu corpo a partir dos ensinamentos da igreja católica, que foram adquiridos no ambiente familiar e considera-se superior às outras mulheres por acreditar no corpo santificado a partir da fé e da conduta:

Aliás, sobre casa de rapariga, dentro ou fora das portas, Adalgisa nada sabia: se lhe acontecia de cruzar com mulher-dama na rua, cuspiam de lado para demonstrar repugnância e reprovação. Considerava-se uma senhora e não uma sujeitinha qualquer: as senhoras têm princípios e os exibem (Amado, 1988, p. 36).

Ao discorrer acerca da importância do feminismo para o fim da opressão, bell hooks afirma que a opressão sexista: “[...] é a prática de dominação que a maior parte das pessoas experimenta [...]. É a prática que a maior parte das pessoas aprende a aceitar antes mesmo de saber que existem outras formas ou outros grupos de opressão” (hooks, 2019, p. 70).

A opressão de classe e racismo também são temas presentes na obra, entretanto, essas duas formas são vivenciadas fora do ambiente familiar e envolvem outras personagens. Adalgisa, por acreditar na sua superioridade, possuía um pensamento de reprovação em relação às pessoas negras: “Adalgisa se opunha porque ele era pobre e escuro, crioulo lindo, madre. Como se Manela e a própria tia não fossem mulatas, a tia não se enxergava... Será que ela pensa que é mesmo branca pura?” (Amado, 1998, p. 240).

De acordo com bell hooks (2020), as imagens negativas relacionadas às mulheres negras que são difundidas em nossa sociedade são impressas na psique do homem branco. Acreditamos que esse fato contribuiu para a construção do sentimento de inferioridade e disseminação da imagem da mulher negra como um ser indesejável tanto para manter amizade quanto para o casamento. Apesar de possuir a pele negra, a personagem não se reconhece como tal: “Adalgisa Perez Correia, de proclamado sangue espanhol pelo lato paterno e de escuro sangue africano pelo materno” (Amado, 1988, p.36). Durante toda narrativa, a personagem, mesmo possuindo pessoas adeptas ao candomblé em sua família, não reconhece suas raízes africanas e nega sua própria história.

A não aceitação da ancestralidade africana revela a visão que se possuía do negro como um ser impuro e incapaz de possibilitar o progresso. Com isso, as teorias do embranquecimento ganharam força e tiveram uma grande repercussão no Brasil, principalmente, no início do século XX. Essas teorias sugeriram a miscigenação como forma de fazer com que os descendentes negros passassem a ficar progressivamente mais brancos a cada nova geração. Nesse contexto, o quadro *A Redenção de Cam* (1985), do pintor Modesto Brocos, foi reverenciado e premiado, além de se tornar uma representação visual da teoria do embranquecimento.

Figura 1: A Redenção de Cam, 1895, de Modesto Brocos



A Redenção de Cam, 1895, de Modesto Brocos
Óleo sobre tela, c.i.d.199,00 cm x 166,00 cm

Obra consagrada por tratar de questões raciais e populares no século XIX, a tela A Redenção de Cam, de Modesto Brocos (1852-1936), ainda hoje suscita polêmicas, sobretudo no que se refere a sua recorrente utilização como ilustração em teses favoráveis ao branqueamento da população brasileira. Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>

A mãe de Adalgisa teve um relacionamento com um homem branco de nacionalidade espanhola, e isso não fez com que ela desdenhasse de “[...] sua gente negra e pobre, seguiu frequentando candomblés, cumprindo obrigações de santo e normas de amizade” (Amado, 1988, p. 182). Durante sua iniciação no candomblé, Andreza descobriu que estava grávida de Adalgisa e que sua filha pertencia a Iansã. A criança que estava em seu ventre era um abicum⁵, e era preciso muito esforço para mantê-la viva. Afinal, os abicuns possuem uma condição especial e isso significava ‘pagar um valor excessivo em obrigações’” (Amado, 1988, p. 183).

Mesmo tomando conhecimento de sua condição e após as revelações de sua mãe sobre a troca de cabeças para que ela vivesse, isso não a convenceu, e Adalgisa continuava a não querer aceitar e ouvir tais histórias, pois “Adalgisa,

⁵A palavra “abiku” vem de ABI = NASCER e IKU = MORTE. Refere-se a espíritos que possuem uma passagem rápida no mundo terreno. Nas comunidades africanas, as crianças que nascem com essa condição são compreendidas como seres que antes de nascer combinaram com outros espíritos que morreriam logo para voltar ao plano espiritual. Normalmente, essas crianças recebem nomes especiais para que seja possível mantê-los vivos por mais tempo.

espanhola, tinha outros compromissos, a coroa de espinhos, a cruz de Cristo, desprezava crendices e feitiçarias” (Amado, 1988, p. 183).

Adalgisa assimilava e reproduzia o discurso do branco como se fosse seu. Através de seu discurso, observamos a imersão e a reprodução de uma “ideologia que lhe é imposta pelo branco como um ideal a ser atingido” (Souza, 2022 p. 34), que, na maioria das vezes, tinha como base a religião católica:

Pelo braço católico do pai, dom Francisco Romero Perez y Perez, dito paco Negreiro em homenagem às suas prioridades em matéria de fêmea, Adalgisa tomara os caminhos da colônia espanhola e da Santa Madre Igreja, sem desvios (Amado, 1988, p. 55).

A personagem mantinha o desejo de que a sobrinha seguisse o seu exemplo, buscasse a comunhão com Deus e acreditasse que a vida fora da igreja a levaria à perdição: “Deus há de me dar forças para enfrentar essa gatinha que quer levar uma criança para o mau caminho, pra perdição (Amado, 1988, p. 36). Com isso, observamos a imposição da religião atuando como um regulador da conduta feminina.

A partir do comportamento da personagem em questão, percebemos que ela vivencia um complexo de inferioridade gerado por sua imersão em uma ideologia que define o sujeito branco como um modelo a ser atingido. De acordo com Souza (2022), o sentimento de culpa e de inferioridade pode ser compreendido como uma tensão existente entre o Ego e o Ideal do Ego, sendo este último construído a partir da negação: “Na construção de um Ideal de Ego branco, a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer ‘mancha negra” (Souza, 2022, p.34).

Sabemos que o padrão de mulher ideal sofreu modificação ao longo do tempo e que a subjugação feminina à igreja e, conseqüentemente, ao homem, é algo presente há muito tempo na cultura ocidental. A base dessa cultura ainda repercute socialmente e contribui para a construção e a atribuição de estereótipos negativos relacionados às mulheres, em especial, as mulheres negras.

Ao criar uma personagem negra que não se submete às ordens do marido, Jorge Amado rompe, de forma parcial, com o tradicionalismo da dominação masculina:

Adalgisa determinara a extensão do papel que o marido desempenhara nas nefastas ocorrências da noite anterior. Danilo não era homem de traçar e executar plano assim preciso e complexo: gastara nos campos de futebol toda a capacidade de iniciativa, deixara com a esposa o leme do barco, navegava em águas mansas (Amado, 1988, p.287).

Na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, observamos que a voz masculina detentora do poder se refere apenas à relação da personagem Adalgisa com a religião católica, pois as personagens, em alguns momentos da narrativa, são submetidas ao modo de pensar pautado na naturalização do mecanismo que visa a oprimir e abusar do poder por vias simbólicas, que foram naturalizadas em nossa cultura ao longo dos anos e perpassados através da literatura.

Além do uso do poder simbólico, observamos que a personagem em questão faz uso da força física como método educacional, pois assim foi orientada pelo líder religioso da igreja católica:

Presente do padre José Antonio ao saber que a cara da diocesana decidira criar a sobrinha orfã: vai lhe ser de utilidade, não tenha escrúpulo em utilizá-la, corrigir com prevarica não é pecado, não ofende a Deus, é de seu agrado. Está na bíblia, mi hija: punir com firmeza é uma das maneiras de demonstrar misericórdia (Amado, 1988, p, 61).

É a partir da experiência cristã do sexo e no racismo, sobretudo o religioso, que Adalgisa se apoia para vincular um sistema de moral baseado na cultura ocidental, que não se aplica às pessoas que vivem ao seu redor. O sentimento de incompatibilidade com o meio no qual está inserida faz com que a personagem, em seu discurso, desvalorize a negritude que a cerca:

Deus há de me dar forças parra enfrentar essa gatinha que quer levar uma criança para o mal caminho, pra perdição. O Senhor está comigo, não tenho medo de nada, nada me pega, comigo não adianta negrinhagem, não sou da mesma laia, não me misturo com gente à toa (Amado, 1988, p. 36).

Esse lugar de não pertencimento vivido por Adalgisa faz com que a voz da personagem soe como algo similar às vozes da casa grande diante de um povo que mantinha suas tradições culturais e quebrava o silêncio diante da tentativa de uma hierarquia violenta imposta pelo modelo cultural ocidentalizado. De acordo com Bento (2022), o grande problema é o fato de o sujeito branco ser compreendido como um ser universal, um padrão único a ser alcançado, e isso pode ser percebido a partir das estruturas de dominação que nos cercam e que são mantidas ao longo do tempo: “Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (Bento, 2022, p. 18).

O comportamento adotado pela personagem Adalgisa diante da diversidade étnico-cultural da Bahia evidencia a tentativa da personagem em se autopreservar, reafirmar seu lugar de privilégio e fortalecer as estruturas de dominação.

Terreiros de santos, nem falar: Adalgisa tinha horror a candomblé. Horror sagrado, o adjetivo se impõe. Cabresto curto, pulso forte, trazia-a sob controle, castigava sem dó nem piedade. Estava cumprindo seu dever de mãe adotiva – um dia, instalada na vida, Manela lhe agradecerá (Amado, 1988, p. 45).

A personagem também compreende o mundo que a cerca a partir de uma visão centrada nos alicerces ideológicos da branquitude que, de acordo com Bento (2022), os europeus, brancos, construíram uma identidade que utilizou os negros africanos como contraste, e isso fez com que o significado do outro fosse construído a partir de projeções, opressões e exclusões.

A supremacia branca é a principal responsável pelo sentimento de não pertencimento que é vivenciado pelas pessoas negras. Esse sentimento também se deve ao fato das opressões sofridas por esse grupo. Sobre o pertencimento, bell hooks (2022) destaca que todas as formas de pertencimento que ela adquiriu na infância referem-se a um repertório disseminado pela cultura dominante que “favoreceu um desvio em sua autoimagem e a busca por identificação com padrões que não correspondiam às suas experiências mais profundas” (hooks, 202, p. 12).

Em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, a percepção eurocêntrica de Adalgisa viola o princípio de irmandade por parte de muitas mulheres para com as outras. Tal princípio compreende o papel da mulher negra como participante de um conjunto composto de outras pessoas de seu mesmo grupo étnico. Na obra em questão, percebemos que a coletividade está presente entre as pessoas que vivem a diáspora africana na Bahia, no caso, uma parte da família de Adalgisa.

Enquanto a personagem Adalgisa busca a exclusão de um outro grupo: os adeptos ao candomblé, a comunidade candomblecista busca viver sua religiosidade e se relacionar de uma forma coletiva, que muito se aproxima do conceito de Mulherismo Africana proposto por Hudson-Weems (2019). De acordo com a autora, o Mulherismo Africana é uma ideologia projetada para as mulheres de ascendência africana e busca trazer à luz a realidade do povo africano, as formas de resolução de conflitos e a centralidade na família. Ao caracterizar as personagens que possuem envolvimento com o candomblé, o eu lírico evidencia a harmoniosa forma de se relacionar, a luta coletiva pela manutenção da comunidade e as noções tradicionais dos papéis masculinos e femininos.

4.4 ADALGISA E MANELA: ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

As crenças dos povos africanos, de acordo com Eliade (2001), apareceram, pela primeira vez, nos escritos históricos em 1520 na obra *Omnium gentium mores, leges et ritus*, de Jean Boem, com o objetivo de comparar religiões. Acreditamos que os relatos dos diversos exploradores e estudiosos das religiões, muitas vezes, utilizaram um ponto de vista no qual possuíam o Deus do Cristianismo como concepção de pureza.

Diferentemente da concepção da igreja católica, para as religiões de matriz africana não existem uma fronteira entre o sagrado e o profano. De acordo com Theodoro (2022), os orixás são entidades divinas que possuem a função “[...] cósmica, social e pessoal [...], sendo assim, essas divindades atuam no regimento do mundo e influenciam as relações humanas.

Sabemos que a tradição religiosa de matriz africana e a forma como seus adeptos interpretam o mundo e vivem o sagrado divergem da visão construída e difundida pela igreja católica, a qual considerava uma prática do candomblé, por exemplo, algo que afastava o ser humano da pureza e do encontro com o divino. Entretanto, ao refletirmos acerca da herança cultural-religiosa do Brasil, observamos o diálogo do candomblé com o catolicismo a partir do sincretismo religioso.

A lavagem das escadarias da Igreja do Bom Fim, na Bahia é uma tradição mantida pelos adeptos ao candomblé. Quanto ao início do festejo religioso, “Não se sabe, exatamente, quando aconteceu a primeira Lavagem. Existem algumas possíveis origens, mas tudo leva a crer que o ritual teve início no início do século XIX”. (Iphan, s.a.), mas sabemos que a atividade era realizada pelos escravizados para preparar a igreja para a festa católica.

Figura 2: Lavagem do Bonfim em Salvador



Fonte: <https://g1.globo.com/ba/bahia/verao/noticia/2023/01/12/fotos-confira-imagens-da-lavagem-do-bonfim-em-salvador.ghtml>

A Festa do Senhor do Bonfim, considerada um dos maiores símbolos do sincretismo na Bahia, trata-se de uma festa da igreja católica, já a lavagem das escadarias é um ritual realizado pelos adeptos ao candomblé. Para os candomblecistas, a lavagem está relacionada ao ritual intitulado: Águas de Oxalá. Acreditamos que na Festividade do Senhor do Bonfim, católicos e adeptos ao candomblé dão as mãos ao cultuar a mesma divindade, cada um de seu jeito.

Figura 3: Sincretismo religioso entre Senhor do Bonfim e Oxalá



Fonte: <https://www.ibahia.com/bahia/entenda-o-sincretismo-religioso-entre-senhor-do-bonfim-e-oxala>

Em *O sumiço da santa*, percebemos que o sincretismo religioso permeia toda obra e que os sistemas religiosos presentes na narrativa são responsáveis pela concepção de sagrado e profano ao propor uma maneira de se relacionar e interpretar o mundo. Na obra em questão, Jorge Amado preocupa-se em apresentar aos leitores a lenda das águas de Oxalá, a qual é contada por uma das personagens:

Contam os antigos, ouvi de minha avó, negra grunci, que Oxalá saiu um dia percorrendo as terras de seu reino e dos reinos de seus três filhos, Xangô, Óxossi, Ogum, para saber como vivia o povo, na intenção de corrigir injustiças e castigar os maus (Amado, 1988, p. 46).

De acordo com Theodoro (2022), o deus da criação, mais conhecido como Oxalá, é o responsável por iniciar o ano nos terreiros de candomblé. O fato de Oxalá estar relacionado aos começos e às realizações, acreditamos que a participação de Manela na Lavagem, mesmo sem a aprovação de sua tutora, revela o desejo da personagem em se inserir na comunidade a qual ela se sente pertencente.

Manela não chegara de Servilha no cortejo da procissão do Senhor morto, na sexta-feira da paixão. Sua procissão era a da Quinta-Feira do Bonfim, ou seja, a das Águas de Oxalá. [...] Na cabeça, equilibrado sobre o torço, conduzia o pote de barro com água-de-cheiro para a lavagem da igreja [...]. Naquele ano pela primeira vez Manela assumira seu lugar entre as baianas (Amado, 1988, p. 40).

Para o povo de candomblé, a lavagem das escadarias está relacionada a Oxalá, que no candomblé “é considerado hemafrodita, isto é, sua metade superior é masculina e a inferior feminina”, conforme afirma Bastide (2001, p. 85), além de ser o criador de todos os seres vivos da terra, significa pureza e renovação.

A participação de Manela na lavagem das escadarias representou um ritual de purificação, renovação e retomada da conexão com sua ancestralidade:

Num passo de alforria, Manela dançou defronte de Oxalá, Babá Okê, pai da colina do Bonfim – evoluíram ela e tia Gildete no pátio da basílica em meio às palmas cadenciadas das baianas. Como sabia aqueles passos, onde aprendera aquele ponto, adquirira aquele fundamento? Lépidia e leve, posta de pé contra o cativo, já não lhe pesavam no lombo a culpa e o medo (Amado, 1988, p. 48).

Para a personagem, estar entre as baianas era uma retomada ao passado, pois antes do falecimento de seus pais em um acidente, a jovem frequentava terreiros de candomblé. Ao se referir à vida da sobrinha antes de estar sobre sua tutela, Adalgisa afirma que:

[...] os pais haviam-na educado muito mal. Menina-moça cheia de manhas e vontades, habituada às más companhias, ao trato de gatinha [...] participando de programas que de infantis só tinham o nome [...] até em terreiros de candomblé a haviam levado, os irresponsáveis (Amado, 1988, p. 45).

A partir da caracterização das personagens, o narrador busca evidenciar o embate acerca de um confronto identitário que é marcado a partir do sagrado e do profano. Ao contrário de Adalgisa, sua sobrinha, a personagem Manela busca viver conforme suas vontades, reconhece sua ancestralidade negra e busca romper as amarras que lhe foram impostas pelo catolicismo.

Quadro 3: Divergências de pensamentos entre as personagens Manela e Adalgisa no início da narrativa

ADALGISA	MANELA
<ul style="list-style-type: none"> Segue os ensinamentos adquiridos na religião católica 	<ul style="list-style-type: none"> Busca distanciar-se do catolicismo e apresenta-se como adepta ao candomblé
<ul style="list-style-type: none"> Acredita na santificação do corpo através da conduta com base na religião 	<ul style="list-style-type: none"> Não se importa com os ensinamentos católicos e busca a libertação da religião patriarcal através da religião de matriz africana
<ul style="list-style-type: none"> Não se reconhece como negra 	<ul style="list-style-type: none"> Reconhece sua identidade e busca um contato mais íntimo com sua ancestralidade
<ul style="list-style-type: none"> Considera-se superior às outras pessoas e em alguns momentos apresenta discurso racista 	<ul style="list-style-type: none"> Considera-se membro da sociedade em que está inserida

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Com base nas informações expostas no quadro acima, é possível observar algumas diferenças existentes na forma de pensar e de agir das personagens. A personagem Manela é caracterizada, no início da narrativa, como uma garota submissa aos caprichos da tia Adalgisa, mas ao longo da narrativa e, após o contato com o candomblé, a personagem busca o distanciamento dos ensinamentos de sua tia, que almejava que a sobrinha se tornasse uma caricatura do branco. Ao contrário de sua tia Adalgisa, Manela se reconhece como negra e pertencente ao grupo no qual está inserida. Esse reconhecimento impulsiona a jovem a buscar uma libertação a partir da imersão na religião de matriz africana.

Manela torna-se negra quando deixa de ser a caricatura do branco, condição imposta pela tia como uma forma de manter a sobrinha nos caminhos da decência. Entretanto, a personagem cria uma identidade a partir de seus interesses. Na obra *O sumiço da santa*, observamos que a construção da identidade das personagens se dá a partir da interação social e sofre modificações no decorrer da narrativa. De acordo com Hall (2022):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2022, p. 12).

Sendo assim, observamos que a construção da identidade das personagens, na obra em questão, é desenhada a partir de suas vivências, ou seja, do contato do interior com o exterior, onde o interior está relacionado à sua essência e o exterior à sociedade na qual elas estão inseridas. Dessa forma, compreendemos que a identidade promove um elo entre o sujeito e a sociedade, e como a sociedade sofre modificações ao longo do tempo com a incorporação de novos valores, conseqüentemente a identidade acompanhará esse processo.

Ao longo da narrativa, as personagens sofrem influências do meio no qual estão inseridas. O fato de a identidade não poder ser considerada algo fixo, observamos que o comportamento de Manela e Adalgisa são modificados a partir da internalização de novos valores. Ainda de acordo com Hall (2022), o fato de a sociedade sempre estar em constante mudança favorece para que a ideia que temos acerca de nós mesmos também seja modificada, sendo assim, fazendo com que o sujeito não possua “[...] uma identidade fixa, essencial ou permanente” (Hall 2022, p. 11).

Com base no pensamento de Hall (2022), podemos afirmar que após o contato com o candomblé, a personagem Adalgisa parece desconstruir todo pensamento negativo em relação ao sexo:

Danilo, convenhamos, mereceu um final feliz pois, ao longo de vinte anos de puritanismo da fanática Adalgisa, ele não desanimou, continuara pedindo. Demorou mas realizou seus sonhos mais ousados: mais fogosa e completa na cama do que Dadá está por apresentar-se (Amado, 1988, p. 348).

Percebemos que o catolicismo regulador da conduta da personagem não é substituído pelo candomblé, mas há um deslocamento da identidade a partir da incorporação de novos elementos externos, ou seja, da comunidade na qual a personagem é inserida. Ao conectar-se com o candomblé, Adalgisa adquire uma nova forma de compreender a religiosidade de matriz africana que, nesse contexto, assume um caráter libertador, afinal, “a tradição dos orixás é uma forma de organizar o mundo que serve a todos e pode ser o caminho para um futuro menos violento do que os dias atuais” (Theodoro, 2010, p.21).

A tradição dos orixás, de fato, promove a calma e desconstrói crenças existentes no pensamento de algumas personagens, como a demonização dos orixás, a inferioridade do homem negro e a superioridade da cultura eurocêntrica e da igreja católica.

4.5 LITERATURA, RELIGIÃO E SEXUALIDADE: CONEXÕES COM PROCESSOS CULTURAIS NA OBRA *O SUMIÇO DA SANTA: UMA HISTÓRIA DE FEITIÇARIA*

Na década de 70, a crítica literária feminista propôs uma desarticulação da tradição literária ocidental que, na maioria das vezes, tornava as mulheres personagens secundárias ou marginais. Dessa forma, “muitas críticas feministas tomaram para si a tarefa de examinar as estratégias utilizadas pelas mulheres para subverter a tradição literária” (Funkc, 2016, p. 369).

Se, por um lado, as críticas feministas buscavam questionar a masculinidade branca no cânone literário e a ausência da voz feminina, por outro lado, a produção literária de autoria masculina desse período buscava reforçar a supremacia branca e os valores de uma sociedade marcada pelo patriarcado, sem espaço para os temas

relativos à sexualidade, visto que estes eram considerados tabus para cultura ocidental.

No Brasil, muito autores se preocuparam em reforçar os valores tradicionais das sociedades na qual estavam inseridos, pois, segundo Hall (2022), era uma forma de preservar as práticas sociais onde o passado é um modelo ressignificado a ser seguido, entretanto, isso não significa uma paralisação no tempo e espaço e o engessamento das tradições, mas sim um modo de agir guiado e estruturado pela memória coletiva.

O conceito de memória coletiva proposto por Maurice Halbwachs (2006) compreende a memória coletiva como algo que está numa posição acima da memória individual. Nessa perspectiva, a memória individual seria apenas um ponto de vista acerca da memória coletiva. De acordo com o autor:

Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso (Halbwachs, 2006, p. 29).

Sendo assim, para evocar uma lembrança, o indivíduo sempre irá recorrer a falas do passado. Em *O sumiço da santa*, por exemplo, a personagem Adalgisa sempre recorre às lembranças da fala de sua tia espanhola e, assim, a personagem levava consigo, através do pensamento, o grupo social ao qual ela acreditava que pertencia: o europeu.

Sabemos que grande parte da produção literária buscou, por muito tempo, reforçar os valores do passado ainda que de uma forma ressignificada, e isso pode ser observado na produção literária de autoria masculina. Entretanto, alguns autores, como Jorge Amado, se preocuparam em propor uma renovação e transformação da sociedade na qual estavam inseridos.

Nós nos pretendíamos modernistas, mas sim modernos: lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento histórico em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la (Amado, 1990, p. 36).

Além de valer-se do ficcional e histórico em algumas de suas obras, questões relativas à religiosidade, sexualidade e raça são temáticas abordadas na produção literária amadiana. A obra *O sumiço da santa*, por exemplo, é uma produção em que essas três temáticas são evidenciadas do início ao fim do romance. O autor deixa claro seu entendimento acerca da mestiçagem étnico-cultural presente no Brasil e, provavelmente, seu principal objetivo fosse criticar os valores da sociedade vigente, que desvalorizava e buscava o apagamento da cultura e religiosidade afro-brasileira.

Ao trazer a religiosidade de matriz africana para o campo literário, Amado divulga o seu posicionamento em relação à cultura nacional e isso certamente foi influenciado por sua vivência no candomblé. Por isso, em muitas de suas obras, é possível encontrar referências às temáticas relacionadas ao racismo, sexualidade, religiosidade e mestiçagem e isso contribuiu para que o autor conseguisse alinhar as questões raciais ao seu conhecimento acadêmico. E, dessa forma, Amado apresenta aos seus leitores uma nova forma de refletir acerca da mestiçagem étnico-racial existente nas famílias baianas e como a cultura africana influenciou a cultura local.

Em *O sumiço da santa*, observamos a valorização da cultura branco-europeia pela personagem Adalgisa, entretanto, no final da narrativa, ela se rende a passagem purificadora da orixá pelo seu corpo:

Quando o padre Abelardo se deu conta, Patrícia, tomada pela santa, arrancou os sapatos dos pés e entrou na roda. Dançavam as cinco Yansãs em torno da Oyá da cangalha que apresentava ao povo sua filha Adalgisa, durante quarenta anos abicum insubmisso, agora iaô dócil e obediente. Falando ioruba [...] (Amado, 1988, p. 317).

É nesse momento que ela é curada de tudo que lhe causava sofrimento e ela é liberta de toda negatividade que carregava consigo:

Oyá entregou Adalgisa, a da cangalha, ao babalorixá Luís da Muriçoca: Cuide dela com desvelo. Durante quarenta dias ocuparia a camarinha do ilê para aprender os pontos, os passos da dança, as cantigas de santo. Liberta do fanatismo, da ruindade: “Já fechei a porta, Já mandei abrir” (Amado, 1988, p. 318).

Antes da passagem do orixá pelo seu corpo, Adalgisa não se reconhecia como pertencente a esse lugar, e isso pode ser observado ao longo da narrativa. O sentimento de superioridade transformou-se em uma barreira que a impediu de conviver de forma harmoniosa com as pessoas que não compartilham a mesma crença religiosa que ela. Por outro lado, sua sobrinha, a personagem Manela, apresenta-se bem determinada à luta para a construção de uma identidade pautada na negritude. Acreditamos que os acontecimentos na vida de Manela, antes de ficar sobre a tutela da tia, influenciaram na construção da identidade da jovem que reconhece como sua a cultura de seus ancestrais negros.

A religiosidade é o elemento norteador para a construção identitária das personagens. Um outro fator importante nessa construção é o senso de acolhimento que, segundo bell hooks (2022) será responsável pelo senso de pertencimento.

Durante toda narrativa, Manela é acolhida por sua tia Gildete, que lhe apresenta a mitologia dos orixás e seus ensinamentos:

[...] Fiquem vocês sabendo e passem adiante, aos filhos e aos netos quando os tiverem: a história é bonita e contém ensinamento. [...] Calou-se Gildete, sorriu para a filha e as sobrinhas. Tomando Manela pela mão, aconchegou-a contra o peito e a beijou nas faces, acarinhou-lhe o cabelo cacheado (Amado, 1988, p. 47).

A acolhida e o carinho recebidos da sua tia lhe proporcionam momentos de paz, afinal, a jovem vivia sob constantes ameaças, castigos físicos e xingamentos, mas mesmo diante de tanta reprovação e sofrimento, Manela buscava viver em comunhão com sua tia Adalgisa, mesmo que isso significasse uma tentativa de conexão “positiva com pessoas que expressam sentimentos preconceituosos, até mesmo o ódio” (hooks, 2022, p. 112).

O contato com os membros da família, os adeptos ao candomblé, fazem com que Manela compreenda a dinâmica dos terreiros de candomblé, entretanto, em alguns momentos da narrativa, observamos na personagem as marcas do

sincretismo religioso entre o candomblé e o catolicismo.

Quando os sinos replicaram, na aflição da hora perdida, Manela pegou-se com Senhor do Bonfim para quem nada é impossível. [...] Ao mesmo tempo que invoca a proteção divina [...] Manela inicia o ritual das equedes, acólitas das feitas no cuidado dos orixás [...] (Amado, 1988, p. 47).

A partir da citação acima, observamos que a jovem se encontra dividida entre o medo da punição divina e o desejo em realizar o ritual do candomblé. A experiência da convivência com as duas religiões faz com que a jovem passe por um processo de reestruturação e, conseqüentemente, modifique suas ações e a forma de compreender as relações sociais, entretanto, não se trata da anulação de uma determinada estrutura, mas sim de uma interconexão com outras práticas sociais.

Adalgisa, assim como sua sobrinha Manela, também passa por um processo de reestruturação, entretanto, relacionado à construção da sexualidade, visto que o contato com a religião de matriz africana faz com que a personagem mude. De acordo com Hall (2022), essa mudança pode ser compreendida como uma descentralização a partir do contato do indivíduo com uma grande diversidade de centros de poder.

4.6 TAL MÃE, TAL FILHA: A HERANÇA ANCESTRAL

Conhecida como Oyá ou Iansã, a orixá é lembrada como a rainha dos raios e trovões. Na igreja católica, a orixá feminina é sincretizada por Santa Bárbara. Na obra intitulada *Mitologia dos orixás* (2020), do sociólogo Reginaldo Prandi, a orixá é descrita como uma divindade que desejava ter filhos, mas possuía dificuldade para gerá-los. Então, ela decide consultar um babalaô⁶ para obter ajuda e orientação

⁶ De acordo com Mota (2017) “O Babalaô é a autoridade intelectual e sacerdote que assimila e memoriza os itans (versos) que expressam em sua narrativa reflexões para o autodesenvolvimento e autoconhecimento.”

para a resolução de seu problema e é aconselhada pela autoridade religiosa a realizar um ebó⁷:

Oiá fez o sacrifício e teve nove filhos. Quando ela passava, indo em direção ao mercado, o povo dizia: “Lá vai lansã”. Lá ia lansã, que quer dizer mãe nove vezes. E lá ia ela orgulhosa ao mercado vender azeite de dendê (Prandi, 2001, p. 294).

Entretanto, ao discorrer acerca de lansã, Theodoro (2010) destaca que “Oiá é o nome usado na Nigéria para lansã, a deusa a quem é dedicado o rio Níger [...]. lansã é cultuada como Abesan ou Avesan na cidade de Porto Novo, na República do Benin” (Theodoro, 2010, p. 103). Ainda de acordo com a autora, lansã está ligada ao princípio feminino, às tempestades, aos raios e ao vento.

Caracterizada como uma mulher muito bonita, lansã utilizava seus atributos para seduzir e adquirir poder e, ao longo de sua vida, recebeu vários atributos de seus amantes. Com base no mito Oiá – lansã (Prandi, 20), criamos o quadro 4 a seguir e destacamos os homens com os quais lansã se envolveu e os atributos que recebeu:

Quadro 4: Atributos dos homens com os quais lansã se envolveu

Orixá masculino	Atributo recebido
Ogun	Adquiriu o direito de usar a espada.
Oxaguiã	Adquiriu o direito de usar o escudo.
Exu	Adquiriu o direito de usar o poder do fogo.
Oxóssi	Adquiriu o saber da caça.
Logum Edé	Adquiriu o direito de pescar.
Xangô	Adquiriu o poder do encantamento, o posto da justiça e domínio dos raios.

Fonte: Elaboração da autora (2023).

⁷ Oferenda

lansã também é descrita como um orixá que causa transformações por onde passa: “O-yá significa ela rasgou em yorubá, que nos dá a ideia de vento desastroso em sua passagem” (Theodoro, 2010, p. 103). Na mitologia afro-brasileira ela sempre é representada como uma guerreira que luta por justiça e, por isso, aparece segurando uma espada em uma de suas mãos e na outra, um Eruexin⁸.

Figura 4: Representação de lansã



Fonte: <http://arcanoteca.blogspot.com/2016/07/menu-mitologia-iansa.html>

Na obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, percebemos que o vento trazido por Oyá à Bahia promoveu renovação e atuou como elemento purificador em meio à tensão que circundava as personagens Manela e Adalgisa: “Oya viera por Adalgisa e por Manela, cobrar o que lhe era devido, exemplar quem lhe faltara, proclamar o direito à vida e ao amor” (Amado, 1988, p. 177).

⁸ Trata-se de um instrumento sagrado utilizado pela Orixá Iansã. O instrumento permite que a divindade possua poderes sobre o mundo dos vivos como também dos mortos.

Na obra, é descrita a chegada de Iansã à Bahia e essa chegada é um acontecimento que promove mudança de comportamento na sociedade e nas personagens que, ao longo da narrativa, apresentam características em comum com a orixá.

Assim como Iansã, a personagem Adalgisa desejava ter filhos, mas não conseguia gerá-los por conta da esterilidade de Danilo, seu companheiro e, por isso, ele aceitava as imposições de sua esposa sem questionamentos:

O baixo salário de Danilo, a moradia de favor, somados à esterilidade do ex-craque, decretada pelo médico especialista [...], possibilitaram à esposa trabalhadora e emproada o comando da casa, a última palavra nas decisões. [...] Danilo aceitava sem constrangimento aparente, ao menos sem protesto, a situação imposta pela cara-metade (Amado, 1988, p. 207).

Iansã também é tida, no candomblé, como uma divindade “irascível e temperamental” (Theodoro, 2010, p. 106) e essa característica também pode ser observada no comportamento de Adalgisa, principalmente nos conflitos que envolvem a religiosidade de matriz africana, com a qual a personagem, em grande parte da narrativa mostrava-se intolerante e autoritária e, apesar de não demonstrar ser adepta ao candomblé, no início da narrativa, é caracterizada como uma mulher sensual e que possuía o poder de encantamento, assim como seu orixá de cabeça, Iansã:

Irritada mas boazuda, tudo tem sua compensação. Na medíocre paisagem do beco desprovido de quintais e jardins, de árvores e flores, a compensação maior era a bunda de Adalgisa a reafirmar a beleza do universo. [...] no dia em que Adalgisa perdesse o jeito arrogante, de mofa e desprezo, o ar de superioridade [...] ah! Sua beleza arrebataria os corações, inspiraria versos aos poetas [...] (Amado, 1988, p. 37).

Assim como sua tia, Manela também é caracterizada na obra como uma garota que chamava a atenção por sua beleza e sensualidade. Diante de sua aparição ao vivo na televisão durante a lavagem do Bonfim, o narrador a descreve:

[...] o locutor que se derramava elogios à festa, às baianas e a Manela em particular. [...] o locutor declarou-se de “descrever como devido à beleza café-com-leite de Manela, para fazê-lo à altura exigese o estro de um poeta [...] Poeta ou não, deslumbrava-se o tratante com a graça adolescente, a expressão altaneira, a formosura da baiana [...] (Amado, 1988, p. 58).

Quanto à descrição de lansã:

Oyá entrou no barracão vestida com as cores do crepúsculo, na testa a estrela vespertina, verde perfume do mar nos seios de ébano. [...] Oyá ergueu-se inteira, volteou o corpo, seios e bunda, dava gosto de vê-la e desejá-la, mas o grito de guerra impôs silêncio e fez estremecer o mais afoito [...] (Amado, 1988, p. 29).

Adalgisa e Manela são filhas de lansã, e isso pode ser percebido através da caracterização das personagens na obra. Além da Beleza física e sensualidade como características marcantes das personagens, podemos observar a partir de suas ações a transformação social que ambas promovem.

Apesar da mudança comportamental de Adalgisa após o contato com o candomblé, ela não abandona suas raízes enquanto membro da igreja católica:

Deixou de ser puritana mas não se fez devassa, guardou certo melindre no trato do amor que lhe aumentava a graça e a sedução. Continuou sendo uma senhora, dada a licenças no leito, deixou de ser fanática mas continuou boa católica, vai à missa aos domingos em companhia de Gildete mas já não se confessa [...] (Amado, 1988, p.346).

Com isso, percebemos que a personagem em questão passa por um processo de ruptura em seu interior e incorpora novos fragmentos sociais já que os valores sociais sofrem modificação ao longo dos anos e não pode ser compreendido como algo unificado. Nesse sentido, é possível afirmar que a identidade de Adalgisa é constituída a partir de diferentes antagonismos sociais.

No próximo capítulo trataremos da influência da religião nas questões relativas à sexualidade.

5 LIBERTAÇÃO: SEXO E RELIGIÃO

É a deusa dos limites, da interação dinâmica entre as superfícies, conseguindo a transformação de um estado de ser para outro. Por ser vento, lansã não restringe à casa, já que precisa de espaços abertos para viver (Theodoro, 2010. p.106).

Por muito tempo, a igreja impôs limites às questões relativas à sexualidade como também buscou a docilização dos corpos a partir de vias simbólicas, nas quais se buscava a reprodução de uma conduta que fosse religiosamente aceita.

Ao discutir a história da sexualidade, Foucault (2020) propõe uma reflexão acerca da experiência cristã do sexo e destaca que temas como procriação, relações sexuais e casamento estão presentes em textos doutrinários dos padres no século II. É importante destacar que esses textos sofreram modificações com o passar dos séculos, mas a “crença dos cristãos na vida eterna e o desejo de se unir a Deus constituem um motivo profundo e sólido para realmente seguirem esses preceitos [...]” (Foucault, 2020, p. 23).

A conduta aceitável pela maioria das sociedades se baseia nos valores difundidos a partir da igreja católica, a qual desqualifica todo aquele que transgride as leis impostas. A transgressão significa o afastamento de Deus e a perda da salvação. A garantia da salvação após a morte somente seria concedida àqueles que durante sua vida terrena conseguiram manter “o controle dos desejos, e de evitar os excessos que esgotam o corpo e perturbam a alma” (Foucault, 2020, p,32).

Em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, observamos, a partir do comportamento da personagem Adalgisa, a busca incessante por uma pureza espiritual que a permita ascender e alcançar a tão almejada salvação. Com o objetivo de uma existência semelhante a Deus, a personagem demonizava a religião de matriz africana e a prática da relação sexual, para a personagem, o sexo deveria ser visto como algo essencial à reprodução.

Ao dever de esposa, sujeitava-se se não com agrado, ao menos sem resistência e até com um alento de esperança. Não de vir a desfrutar com a penetração e o vai e vem pois nem se quer sabia que a mulher pudesse encontrar prazer no relacionamento sexual, mas na esperança e na vontade de engravidar. [...] O sonho maior de sua vida era ter um filho, de preferência menina, para isso se casara (Amado, 1988, p. 168).

Sabemos que existem mulheres que se devotam a uma vida religiosa e que, muitas vezes, impelidas por suas famílias buscam manter-se virgens até o casamento, pois compreendem a virgindade como uma condição para aproximar-se do divino e uma forma de manter intacta a purificação recebida a partir do pagamento de uma penitência ou até mesmo do batismo. Como podemos perceber no seguinte trecho:

Recomendara-lhe submissão e paciência no transe crucial – a dor física agrava o opróbrio: prepare-se para sofrer, hijita mia... - no qual a mulher renuncia ao que possui de mais valioso aos olhos de Deus, a pureza do corpo, a virgindade. A posse da esposa pelo esposo não está catalogada no rol dos pecados pois o sacramento do matrimônio a santifica mas nem por isso deixa de ser ato cruel e obsceno (Amado, 1988, p. 145).

Para Adalgisa, pecado não era cometido apenas pelo corpo, mas também pela alma, por isso, ela sempre buscava auxílio de um líder religioso para tentar se livrar dos pensamentos “ruins” e substituí-los por “coisas santas”. Por compreender o sexo como algo impuro, a personagem buscava a abstenção das relações sexuais. A tentativa de fugir de um momento de mais intimidade com seu marido na noite de núpcias pode ser observada quando a personagem se tranca dentro do banheiro para manter-se protegida:

No ímpeto da fuga, Dadá entrou no banheiro, trancou-se a chave; os soluços altos, pungentes, ressoaram no quarto. Danilo parou de esmurrar a porta [...] - Não aguento mais, estou varada de dor de cabeça. Se você me ama, deixe para amanhã. [...] - Está certo, Dadá, fica para amanhã. Pode sair. - Você não vai me agarrar? - Já disse que fica para amanhã. Mas amanhã sem falta, heim! (Amado, 1988, p. 158).

Sabemos que, em algum momento da história da humanidade, em algumas culturas, houve uma divisão de corpos, que foi marcada com a delimitação de comportamentos femininos e masculinos e, a partir desse momento, houve também a exigência de comportamento socialmente aceito, que se baseava na religião predominante. Nesse contexto, a mulher, no modelo ocidental, sofreu com o discurso recorrente que associava a virgindade à pureza do corpo o que possibilitou o enraizamento de valores a partir de sua repetição ao longo dos séculos.

Na obra em questão, observamos a tentativa da valorização da subserviência das esposas para com seus maridos, nesse sentido, os desejos masculinos deveriam ser atendidos e isso também incluía os desejos sexuais. Em alguns momentos da narrativa, o comportamento do companheiro de Adalgisa comprova o pensamento de que a virgindade seria comprada com o casamento e que ter relações sexuais seria dever da mulher:

Durante o namoro e o noivado, Danilo aceitara, conformara-se com as limitações impostas por Dadá, educada nos rígidos cânones da Igreja pela madrinha beata a até se comprazia com tais princípios, provas de retidão e honradez. Mas tudo no mundo tem limites, eram esposos de papel passado, as noções de imoralidade e de desonra tornavam-se descabidas, intoleráveis (Amado, 1988, p. 157).

A identidade masculina, nesse contexto, está associada à virilidade e ao signo do falo, que é validada e fortalecida pela estrutura patriarcalista. A relação de Adalgisa e Danilo apresenta-se de forma desigual onde o homem adquiria a propriedade do corpo da mulher após o casamento e, em alguns momentos, seu companheiro pensa em fazer uso de sua força física para obter o que deseja:

Danilo tentando mantê-la imóvel, de pernas abertas, ela se debatendo, resistindo. Luta árdua, mortificante, crescendo em violência e em pavor [...]. Estrebuchando, olhos lacrimosos, coração em agonia. Dadá se perguntava: será que ele me ama ou só deseja usufruir de meu corpo? (Amado, 1988, p. 156).

A religião patriarcal sustentou por muitos séculos a supremacia masculina que concedia privilégios aos homens mesmo após o casamento, o que os elevava ao domínio do sujeito feminino, sendo este compreendido como sexo frágil. Ao discorrer

acerca da supremacia masculina, bell hooks (2020) destaca que muitas mulheres que se envolviam em relacionamentos patriarcais criavam uma aversão ao sexo e isso contribuía para que as relações sexuais não fossem satisfatórias.

A relação existente entre a prática das relações sexuais para as religiões de matriz africana não é compreendida como pecado, mas exige que a permissão seja concedida ou sugerida pelo líder espiritual. De acordo com Bastide (2001), o casamento sem a consulta ao babalaô pode ocasionar uma relação conflituosa entre um casal, pois:

Ao se casar, o homem reedita na terra a antiga história dessas lutas ou dessas harmonias; quer queira, quer não, representará uma vez ainda o drama do passado legendário. Eis porque, ao lado dos casamentos proibidos, há casamentos permitidos, isto é, que respeitam a lei da exogamia (Bastide, 2001, p. 222).

Como se vê, existe a necessidade de consultar o babalaô para saber quais são os orixás de cabeça⁹ do casal, pois se um casal apresenta o mesmo orixá protetor eles são considerados irmãos e não podem ter relações sexuais. O descumprimento de tal proibição resultaria em uma punição e, de acordo com Bastide (2001), o casamento entre pessoas que são guiadas pelo mesmo orixá, seja masculino ou feminino será marcado pelas lutas dos orixás. O fato de o homem ser reflexo dos deuses, ele sempre refletirá as ações e pensamentos de suas divindades protetoras.

Em *O sumiço da santa*, o narrador apresenta uma justaposição das concepções religiosas africanas e da igreja católica, além de um embate religioso entre Adalgisa e Manela. Alguns comportamentos femininos que são condenados pela igreja e naturalizados nas religiões afro-brasileiras podem ser percebidos no quadro a seguir:

⁹ Refere-se ao orixá que guia e dá proteção a um indivíduo ao longo de sua vida.

Quadro 5: Algumas divergências relativas à sexualidade e à sensualidade

Algumas divergências relativas à sexualidade e à sensualidade	
Igreja	Religiões de matriz africana
Deus rege a vida das pessoas.	As divindades regem a vida das pessoas.
A sensualidade e a sexualidade são vistas como algo negativo e que afasta o indivíduo do sagrado.	A sensualidade e a sexualidade estão presentes nos deuses Yorubanos . Algumas orixás são conhecidas pela sensualidade como Oyá e Òsun .
O sexo suja o corpo em níveis sócio morais.	O ato sexual é troca de energia e pode sujar o corpo espiritualmente.

Fonte: Elaboração da autora (2023).

O narrador apresenta a personagem Adalgisa em dois momentos. No primeiro, a personagem é apresentada como uma beata da igreja católica e está inserida em um contexto de valorização da dominação masculina patriarcal. Já no segundo momento, a personagem rompe com os preceitos do catolicismo e, ao ter contato com Iansã, é libertada sexualmente.

A libertação referente às questões que envolvem a sexualidade pode ser percebida pela mudança de comportamento da personagem após a passagem libertadora de Iansã pelo seu corpo. Ao discorrer acerca das características que os indivíduos herdaram de seus orixás de cabeça, Bastide (2001) afirma que “o indivíduo não repete os gestos dos deuses apenas no transe, na dança extática, mas também em sua vida cotidiana, em seu comportamento de todos os dias” (Bastide, 2001, p. 358).

Com isso, percebemos que Adalgisa sempre apresentou características de Iansã, como a sensualidade e a beleza, entretanto, essas características não influenciavam diretamente a sua vida cotidiana e a relação com seu companheiro, com exceção das fortes dores de cabeça que a personagem sentia em alguns momentos e que a impediam de realizar algumas atividades.

Acreditamos que dores de cabeça sentidas por Adalgisa eram advindas do afastamento de sua ancestralidade, pois após a retomada de contato com os orixás, ela obtém a cura para tal enfermidade.

Sabemos que antes dos movimentos feministas muitas mulheres eram submetidas à condição de inferioridade dentro do casamento. Nesse contexto, uma vida sexual saudável era algo que, muitas vezes, fugia de sua realidade, visto que “[...] o domínio e o desejo sexual e do prazer sexual era sempre e somente masculino” (hooks, 2020, p. 127). Nesse sentido, a autoafirmação do desejo sexual por uma mulher era motivo para reprovação social. Ainda de acordo com a autora, “[...] muitas mulheres heterossexuais fazem sexo somente porque homens querem que elas façam” (hooks, 2020, p. 133). Esse fato chama a atenção para a inexistência de um acordo consensual e dos princípios de igualdade e respeito.

Em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, a personagem Adalgisa, no primeiro momento da narrativa, mostra-se presa às amarras da hegemonia masculina e sua libertação se dá a partir da chegada de Iansã, que provoca mudanças em sua vida e na vida de sua sobrinha Manela.

Ao completar 14 anos, Adalgisa começou a sentir fortes dores de cabeça, certamente ocasionadas pelo não cumprimento de sua obrigação no candomblé. As dores permaneceram até o momento em que os orixás chegaram à Bahia:

Seu Joselito e o jovem Cotovia, Oxóssi e Xangô, o namorado e o esposo, dançavam em torno de Adalgisa pontos de saudação e acolhimento [...] Tentou controlar-se a espanhola unvida e iluminada, católica da Santa Inquisição, buscou fugir do transe, escapar do santo. [...] derrendeu-se Adalgisa, se estendeu a corpo morto, a cabeça estalando, era a dor de cabeça que se ia para sempre [...] (Amado, 1988, p. 309).

Iansã foi à Bahia com o intuito de libertar a jovem Manela das amarras de sua tia, mas acaba inserindo amarras em Adalgisa:

Os três encantados retiraram a cangalha do lombo do jumento e a puseram em Adalgisa, que se contorcia nos estertores do abicum. [...] Adalgisa abandonou o estado clandestino de abicum, assumiu a gloriosa condição de filha de Oyá Yansã. A Yansã da Cangalha, tão citada nos fastos orais do

candomblé Na mão, em vez do eiru, uma taca de couro, aquela mesma” (Amado, 1988, p. 310-311).

Na mitologia dos orixás, Iansã possui várias faces e cada uma dessas faces apresenta características específicas de acordo com as necessidades que surgem ao longo de sua vida. No quadro a seguir, destacamos algumas de suas faces presentes nas histórias orais dos candomblés:

Quadro 6: Faces de Iansã

1. Oyá Agangbele	Aquela que possui dificuldade para engravidar.
2. Odô Oyá	Simboliza o prazer carnal.
3. Oyà Onira	Aquela que é doce e autoritária.
4. Iyámesan	Simboliza a divisão de Iansã em nove partes.

Fonte: Elaboração da autora (2023).

São inúmeras as faces de Iansã descritas nos terreiros de candomblé, algumas delas são percebidas nas personagens ao longo da narrativa como, por exemplo, a dificuldade de Adalgisa em gerar filhos, o prazer carnal vivenciado ao final da narrativa, como também o autoritarismo e o espírito guerrilheiro da personagem.

De acordo com Bastide (2001), o homem é um reflexo dos deuses, pois “na sua vida, nas estruturas psíquicas, o homem todo simboliza o divino”. Ainda de acordo com o autor, a existência do homem está relacionada a caminhos traçados pelos orixás e que a biografia de cada pessoa seria traçada pelos *odus*.¹⁰ (Bastide, 2001, p. 2018).

Ainda que seja possível perceber o reflexo das divindades africanas nos indivíduos, é preciso levar em consideração que muito desse pensamento foi perdido durante o processo de escravização “E hoje restam somente fragmentos

¹⁰ Odu é uma palavra de origem africana, que vem do iorubá e significa destino. Os odus são signos do ifá que regem a vida das pessoas a partir de seu nascimento.

dessa concepção do homem como um símbolo do divino, fragmentos ligados muitas vezes entre si, canhestramente, por eles tomados de empréstimo à filosofia católica [...]” (Bastide, 2001, p. 218).

As duas personagens que protagonizam a obra *O sumiço da santa* são filhas de lansã e apresentam a sensualidade e a beleza como características em comum, entretanto, encaram as questões referentes à sexualidade de maneiras completamente distintas. Enquanto Adalgisa apresenta uma conduta baseada nos preceitos do catolicismo, a sua sobrinha, Manela, busca fugir das imposições de sua tia e aproximar-se do candomblé:

Aquela quinta-feira do Bonfim foi decisiva na vida de Manela. [...] Sensação de leveza, Manela sentia-se capaz de sair voando, andorinha liberta na euforia da festa. Pela manhã, ao chegar à Igreja da Conceição da Praia, era uma pobre menina, infeliz. Oprimida, sem vontade própria, sempre na defensiva: medrosa, embusteira, esmorecida, fingida, submissa (Amado, 1988, p. 45).

O comportamento da jovem permite compreender os bastidores de um processo de luta de uma jovem negra que desejava se libertar de uma opressão histórica que sempre delimitou os espaços a qual as mulheres poderiam e deveriam circular.

Apesar de vivências distintas entre mulheres brancas e negras, a opressão sexual imposta pela igreja era bem semelhante para ambas, entretanto a mulher negra e adepta ao ainda sofre com a intolerância religiosa e a imposição da religião cristã. A convicção de que o catolicismo é purificador faz com que Adalgisa interne Manela, pois assim a jovem estaria salva das tentações.

Liberta dos maus pensamentos, vitoriosa sobre as tentações, aliviada da carga de pecados, agradecida, disposta à obediência e ao respeito, a sobrinha poderia retornar ao lar que tentara repudiar e ultrajar. Adalgisa irradiava a satisfação do dever cumprido: cumpri o meu dever, Deus é testemunha (Amado, 1988, p. 2005).

As tentações referem-se ao contato com o candomblé e ao namoro de Manela com Miro, um rapaz que ela havia conhecido na Lavagem do Bonfim:

“Naquela quinta-feira do Bonfim, sob o sol escaldante e luminoso de janeiro, ao final da cerimônia da Lavagem, Manela conheceu Miro” (Amado, 1988, p. 48). A partir do momento em que Adalgisa tomou conhecimento do suposto namoro de sua sobrinha buscou intervir de todas as maneiras. Entretanto, no final da narrativa e após sua imersão no candomblé, a personagem em questão modifica seu comportamento e, até aprova o casamento da sobrinha.

Sabemos que toda transformação social surge a partir da mudança de valores que resultará numa nova forma de compreender as coisas que nos rodeiam ou seja, as quais estamos inseridos e, ao analisar o comportamento de Adalgisa, percebemos o apego às tradições do passado, na qual a personagem buscava manter vivos.

A desconstrução da convicção do modelo único a ser seguido se dá pela construção de novas identidades, as quais promovem, para Adalgisa, um estreitamento da fronteira existente entre o catolicismo e o candomblé, além da possibilidade de transitar entre as duas religiões que, apesar de distintas atuam de forma sincrética na vida da personagem.

No próximo capítulo, trataremos da importância dos temas relativos à importância da mitologia africana no âmbito educacional.

6 AS MITOLOGIAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA: A QUESTÃO DO RACISMO

É importante viver a diversidade em todas as instancias da vida, entendo que só convivendo com a pluralidade que efetivamente crescemos com ela (Pinheiro, 2023, p. 125).

O preconceito construído, historicamente, em relação ao povo negro e à sua cultura ainda pode ser observado na atualidade. Sabe-se que ao longo da produção literária no Brasil, diversos autores buscaram tratar das questões raciais, destacando as angústias e injustiças sofridas pelos negros e que quase sempre ocorriam seguindo os modelos de aceitação que buscavam uma aproximação com a cultura europeia. Observa-se que, em grande parte da produção literária brasileira, o negro é caracterizado como escravizado e vítima da ambição do homem branco.

De acordo com Carneiro (2011), a população negra teve sua identidade racial e étnica destruída pelo racismo e pelo ônus simbólico construído acerca da negritude e isso contribuiu para que essas pessoas não desejassem ser negras. Ainda de acordo com a autora,

Para alguns brancos (e outros que assim se supõe), parece só haver um jeito suportável de ser negro: aquele ligado ao fracasso, à vulnerabilidade, ao servilismo, à dependência e a inferioridade introjetada. Negros e negras fortes, ativos e vencedores parecem ser um insulto para esses brancos (Carneiro, 2011, p. 124 -125).

A tentativa de algumas pessoas negras de se igualar ao padrão branco nos faz refletir acerca dos impactos do racismo sobre essa população. Souza (2021) destaca a violência que as pessoas negras são submetidas, de acordo com a autora, as pessoas não negras são violentadas de forma constante ao ponto de negar a

presença do corpo negro e internalizar os ideais do sujeito branco, fazendo com que a identidade do sujeito negro seja destruída.

Jorge Amado, em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, apresenta uma personagem negra, que vive numa incessante busca pela valorização dos valores culturais da Europa, e que por se considerar superior ao povo negro, mesmo sendo negra, apresenta um discurso racista ao longo da narrativa. Essa personagem reflete os valores sociais da época, que reafirmam a falsa crença de superioridade que parte de um ponto de vista biológico. De acordo com Souza (2021),

[...] através da internalização compulsória e brutal de um ideal do ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas de seu corpo. Entre o ego e seu ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor às custas de sua possibilidade de felicidade [...] (Souza, 2022, p. 25).

O discurso racista da personagem Adalgisa, na obra de Jorge Amado, pode ser justificado pelo fato de a personagem possuir uma imagem de si inferiorizada e, por isso, reproduzia os ensinamentos e ações discriminatórias que, provavelmente, ouvia de alguns membros de sua família.

O racismo religioso, oriundo da atribuição de características negativas a um determinado grupo étnico, teve início no período de colonização e, ao contrário do que se pensa, ainda é visto com normalidade por brancos e não brancos. De acordo com o teórico Antônio Esteves (2010), sempre interpretamos as coisas de acordo com nosso ponto de vista e essa interpretação está relacionada ao tempo em que vivemos e à nossa releitura dos fatos.

Nesse sentido, a demonização da literatura que tematiza a religiosidade de matriz africana será construída a partir da proliferação de discursos que inferiorizam o negro e sua religiosidade, pois, conforme Grosfoguel (2016):

Ao contrário do que atesta o senso comum contemporâneo, o “racismo de cor” não foi o primeiro discurso racista. O “racismo religioso” (“povos com religião” versus “povos sem religião” ou “povos com alma” versus “povos sem alma”) foi o primeiro elemento racista do “sistema-mundo patriarcal, eurocêntrico, cristão, moderno e colonialista” (Grosfoguel, 2016, p.36).

As práticas discriminatórias nem sempre aparecem de forma explícita no meio educacional, onde observa-se uma incessante tentativa de obstar ou dificultar a inserção de temáticas que possuam relação com a negritude. As convicções de superioridade em relação a cultura e religiosidade africana e afro-brasileira revela a propagação de inverdades que, na maioria das vezes, contribuem para a disseminação do ódio e intolerância religiosa. De acordo com Cássio (2019):

O fenômeno do racismo religioso é um dos mais importantes nichos de violência que podemos observar em nosso cotidiano. E também um dos mais difíceis de combater, na medida em que esse tipo de violência se funda em uma recusa da diferença e, muitas vezes, em uma posição salvacionista da parte de quem comete intolerâncias ou discriminações. (Cássio, 2019, p. 116).

Com o surgimento da Lei nº 10.639/ 2003 (alterada pela Lei nº 11.645/08), que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, vemos uma possibilidade de compreensão do processo de construção e caracterização do nosso país como também uma possibilidade de “[...] uma visão de mundo que seja legitimada na pluralidade do sistema cultural brasileiro” (Theodoro, 2022, p. 16).

O racismo faz com que haja uma tentativa de apagamento das religiões de base africana, não apenas no Brasil, mas em diversas regiões do mundo, mas apesar de todo epistemicídio sofrido pelo povo africano e afrodescendente, muitos ainda buscam a manutenção de suas tradições. Pouco tempo antes da Lei nº 10.639/2003, Cunha (1997) já ressaltava a importância da abordagem da temática: “[...] não é possível conhecer a História do Brasil sem o conhecimento da História dos povos que deram início à nação brasileira. A exclusão da História Africana é uma, dentre as várias demonstrações do racismo brasileiro” (Cunha ,1997, p. 67).

Sabemos que o ensino da cultura e história do povo negro nos sistemas educacionais é uma conquista daqueles que foram silenciados. Uma conquista que só se tornou realidade a partir de muita luta. Para a professora Nelma Lino Gomes (2017), a articulação da luta antirracista com uma educação antirracista é uma das estratégias de combate ao racismo.

Ao contrário do que muitos pensam, os mitos africanos e afro-brasileiros revelam valores que contrapõem a perspectiva negativa, como o respeito aos mais velhos, a preservação e o respeito à natureza, entretanto, sua recepção nem sempre é positiva, pois a leitura é um processo de interação entre texto, autor e leitor e seu meio cultural. Portanto, devem-se levar em consideração os esquemas dominantes, a época e o contexto em que o leitor está inserido.

A produção literária que chega às escolas públicas e particulares ainda é muito escassa, e abordar a religiosidade africana e afro-brasileira é ter certeza de que obstáculos surgirão devido à associação de malignidade em tudo que surgiu a partir da contribuição do negro. Ao refletir acerca da temática étnico-racial, Jaqueline Almeida (2016) afirma que:

[...] apesar da vasta e promissora produção literária infanto-juvenil que vem chegando às escolas, falar sobre a temática religiosa africana e afro-brasileira ainda significa percorrer um caminho tortuoso. Isso porque a imagem negativa e a associação aos “mistérios malignos” estão presentes em diversos meios de expressão. Daí a importância de obras literárias que deem visibilidade e humanizem a experiência religiosa das populações negras (Almeida, 2016, p.1).

Atender às propostas da Lei nº 10.639/2003 torna-se um desafio dentro de uma cultura que insiste em invisibilizar as experiências religiosas da população negra por considerá-las práticas primitivas e inferiores. Observa-se o reflexo disso na construção do material didático e na seleção das obras que norteiam os fragmentos textuais do material didático da maior parte das editoras do país, que se vale do cânone ocidental.

O leitor não branco certamente não se sentirá representado ao ler obras canônicas, pois estas são marcadas por disparidades sociais onde o negro quase sempre ocupa a posição de subalternidade, o que leva uma criança negra a se sentir inferior por não compartilhar daquilo que é socialmente aceito com naturalidade pela sociedade na qual ela está inserida, ainda que esta seja resultante de uma miscigenação.

Acreditamos que a ideia de pertencimento, utilizada por bel hooks (2022) para se referir ao lugar, também pode ser aplicada ao campo literário, pois o indivíduo precisa se sentir representado, ou seja, perceber um de seus semelhantes, naquele contexto para que se sinta acolhido. Sendo assim, a falta de representatividade do povo negro na literatura faz com que ele apareça no campo literário como tema ao invés de uma voz autoral.

A falta de materiais disponíveis com a temática pautada na negritude delega ao professor a tarefa de buscar esse material e torná-lo acessível aos alunos. Além da dificuldade em trabalhar a temática nas escolas, ainda existe uma infinidade de materiais disponíveis sobre os quais não é possível verificar a veracidade de suas fontes, fato que deixa o pesquisador em um mar de informações, sem porto e sem farol.

De acordo com Gomes e Martins (2010, p. 45), a escola é “uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas e de superação de estereótipos que recaem sobre certas diferenças”. Portanto, podemos considerar a não inserção nos centros educacionais de temas referentes à negritude, cultura afro-brasileira e religiosidade como uma forma de discriminação, visto que tal comportamento tende a considerar a disseminação destas temáticas como conteúdo de pouca relevância.

A dúvida de como valorizar a história, a cultura e a religiosidade dos povos africanos e afro-brasileiros; como desconstruir o preconceito historicamente herdado a fim de construir um ambiente de tolerância religiosa; que materiais e metodologias utilizar são questionamentos comuns àqueles professores que buscam atender às propostas da Lei nº 10.639/2003, visto que grande parte do material disponível ainda reforça o ponto de vista eurocêntrico dominante.

Ainda que o Brasil tenha admitido a bagagem cultural do negro escravizado, bem como sua participação na construção e caracterização do país, a bagagem que se perpetuou foi a eurocêntrica. Para Cosson (2020), “é preciso entender a literatura para além de um conjunto de obras literárias valorizadas como capital cultural de um país. A literatura deveria ser vista como um sistema composto de tantos outros sistemas” (Cosson, 2020, p. 34).

Desta forma, faz-se necessária uma revisão de todo conhecimento considerado válido e das temáticas consideradas relevantes, a fim de reconhecer e legitimar os textos que tratam da mitologia africana e afro-brasileira, que ainda são considerados por muitos como de menos prestígio e caracterizados como uma literatura inferior.

Portanto, a obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado, pode servir como uma sugestão literária para ser trabalhada nos centros educacionais por abordar temas relevantes que dialogam com a legislação nacional, a fim de promover uma desconstrução de ideias equivocadas relativas à religiosidade de matriz africana e dos estereótipos negativos atribuídos à mulher negra que, até então, permanecem enraizadas no imaginário da sociedade vigente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] enegrecer espaços acadêmicos é uma importante estratégia antirracista (Pinheiro, 2023, p. 84).

Nessa pesquisa, o primeiro capítulo abordou as motivações pessoais e a relação da autora com a obra *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, de Jorge Amado. A partir de suas memórias e vivências, a autora destaca a opressão vivida durante sua infância e adolescência.

O pensamento sexista sempre esteve presente na cultura ocidental, sendo este transmitido e mantido a partir da valorização dos símbolos do passado nos quais a figura feminina era invisibilizada pela sociedade devido à falsa crença de sua incapacidade intelectual. Essa invisibilidade ocorreu em diversos campos, inclusive na literatura, pois para o contexto social da época, a mulher deveria se dedicar, exclusivamente, às atividades do lar, tais como: o cuidado com a casa, com os filhos e com o marido.

Alguns autores promoveram uma quebra da visão em relação à forma como a mulher aparecia no campo literário, desarticulando o cânone e promovendo a inserção dos sujeitos oprimidos e marginalizados em um espaço de alto prestígio, que era o campo literário. Com isso, Jorge Amado promoveu algumas reflexões acerca de temáticas que, até então, não recebiam a devida atenção neste campo, como o racismo, a sexualidade, a opressão sexista e o sincretismo religioso.

Percebemos que o termo sincretismo religioso traz consigo a ideia de opressão a partir da imposição da religião católica, a qual obrigou os negros escravizados a adotarem uma maneira de driblar o sistema dominante. Portanto, não se tratava de uma aceitação pacífica, mas sim de uma imposição que foi aceita por medo da punição.

No segundo capítulo, destacamos as contribuições dos Estudos Culturais para o desenvolvimento da pesquisa, pois eles possibilitaram uma melhor compreensão do passado e de como se deu o processo de mudança social e os

impactos gerados nas sociedades, em especial, os relacionados à condição das mulheres negras, que foram silenciadas e estereotipadas pela herança do colonialismo e do patriarcado.

Neste mesmo capítulo, apresentamos um mapeamento sistemático de pesquisas realizadas na área, a fim de destacar a ausência de pesquisas com o objetivo principal de investigar os processos culturais relativos à sexualidade na obra *O sumiço da santa*, de Jorge Amado.

Sabemos que as religiões patriarcais sempre condenaram a sexualidade feminina e, a partir da ideia de superioridade masculina, inseriram a mulher numa posição de inferioridade a qual afastou-as do campo literário. Entretanto, elas seguiram escrevendo, mesmo sem a mesma visibilidade que os autores masculinos possuíam. No campo literário, o masculino era tido como criador, enquanto o sujeito feminino era criado e isso justificou, nos séculos passados, a tímida inserção feminina no campo literário.

Partindo da necessidade da quebra da convicção masculina de paternidade literária, muitas mulheres lutaram pela democratização desse espaço e trouxeram temáticas que até então não eram discutidas nesse campo e, com isso, quebraram os padrões estabelecidos pelo cânone ocidental, o qual apresentava invisibilidade da voz feminina e do corpo feminino, sendo o último, atrelado à condição de submissão à religião patriarcal.

Na produção literária, a mulher negra foi durante muito tempo estereotipada como sensual e sexual. Essa representação revela uma história de opressão e sofrimento que surgiu no período colonial e resistiu no campo literário. Entretanto, alguns autores promoveram uma desarticulação do cânone ocidental, como é o caso de Jorge Amado.

No terceiro capítulo, apresentamos a caracterização da pesquisa e os procedimentos utilizados para a construção da pesquisa, que consistiu em um trabalho crítico-analítico e de interpretação de material bibliográfico.

No quarto capítulo, observamos que Jorge Amado, em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, deu voz à mulher negra e garantiu visibilidade ao povo de

terreiro em sua produção literária, além de promover uma reflexão acerca da construção da identidade feminina em diferentes contextos que envolvem a religiosidade de matriz africana e o catolicismo. Com isso, percebemos que, na obra analisada, a religião atuou como um regulador do comportamento feminino a qual buscou, através da docilização dos corpos, um modelo socialmente aceito.

Ao longo da narrativa, Jorge Amado buscou utilizar referências ancoradas em dados históricos, sociais e culturais da época representadas no romance. Com isso, criou a possibilidade de compreensão da prática social do povo baiano, o que evidenciou a influência exercida pelos fatores socioculturais no campo literário e a conclusão de que, na maioria das vezes, o escritor orienta-se a partir dos valores de sua época e pode agir sobre o meio ao qual está inserido, como também transformá-lo.

No que se refere à construção das personagens, em *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*, Amado parte do sistema de moral baseado na cultura ocidental para caracterizar a personagem Adalgisa, já para a caracterização de Manela, o autor utilizou referências do candomblé, o que possibilitou compreender a concepção de sagrado e profano para as duas religiões.

No quinto capítulo, partimos da reflexão acerca da experiência cristã do sexo, a qual exigia, através da docilização dos corpos, uma conduta baseada na religião. Através da análise comportamental das personagens, percebemos que, após o contato com a religião de matriz africana, as personagens Manela e Adalgisa passam por um processo de reestruturação relacionado à construção da sexualidade, o que influenciou nessa incorporação novos fragmentos sociais. Essa mudança pode ser compreendida como uma descentralização a partir do contato do indivíduo com uma grande diversidade de centros de poder.

Compreendemos que mitologia de matriz africana sempre esteve presente na vida das pessoas que vivem a diáspora africana no Brasil. Esses povos sempre produziram literatura, entretanto, de forma oral, a “oralitura”¹¹. Devido ao

¹¹ A “oralitura”, termo mencionado pela escritora Ana Maria Gonçalves em uma entrevista concedida ao programa Arte 1 Contexto: Encontros literários, no ano de 2019, refere-se à literatura produzida de forma oral, muito comum em países africanos de territórios rurais, povos que se valem das narrativas para transmitir seus conhecimentos e ensinamentos.

apagamento da cultura, da religiosidade e do conhecimento científico, os saberes africanos tornaram-se desconhecidos para grande parte da população brasileira.

A luta pela desconstrução do racismo segue buscando forças para vencer um critério de seleção que tenta resistir e silenciar vozes. Atualmente, é possível observar movimentos de retomada e valorização da literatura africana e afro-brasileira.

No sexto capítulo, partimos da necessidade e obrigatoriedade das temáticas que envolvam a mitologia africana e afro-brasileira. Observamos que apesar da obrigatoriedade do ensino de temáticas voltadas para a história e a cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e particulares, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, o material oferecido nesses espaços ainda é escasso e a formação inicial e continuada dos professores ainda enfrenta desafios.

O pouco uso de referências à negritude nos livros didáticos e paradidáticos ainda não consegue promover a equidade social e contribui na disseminação da discriminação racial e religiosa por, na maioria das vezes, valer-se do cânone ocidental. Acreditamos na necessidade de uma educação antirracista, que valorize a diversidade cultural e étnica da população brasileira e que, de fato, atue na desconstrução do padrão estético perfeito que foi historicamente associado ao homem branco.

Portanto, faz-se necessário um repensar das práticas educacionais para que promovam a valorização da religiosidade de matriz africana, a fim de contribuir com um entrecruzamento entre ensino e cultura e atuar na desconstrução dos estereótipos negativos associados ao povo negro. Sendo assim, o currículo precisa ser repensado no âmbito da educação para as relações étnico-raciais.

Nesse sentido, a obra analisada nessa pesquisa, contribui para a inserção, em instituições de ensino, de temáticas relativas à representação feminina no campo literário, em especial, a mulher negra. A obra também possibilita um repensar acerca da representação da mulher negra na obra de Jorge Amado e de como o racismo e o sexismo influenciaram na construção da imagem da mulher na sociedade e na literatura.

Por fim, acreditamos que a educação antirracista é uma das ferramentas de combate ao racismo estrutural e que a escola tem o dever de construir, através de uma abordagem de ensino, meios que promovam o letramento racial e que possibilitem a compreensão da luta histórica do povo negro, que não se restringiu apenas ao fim da escravidão. Apesar do fim da escravidão, da inserção da mulher negra no campo literário, do comprometimento de vários autores na desconstrução da imagem negativa que, por tanto tempo foi atribuída ao povo negro, ainda lutamos contra a injustiça e pelo direito de ocupar lugares que, por muito tempo, privilegiaram o homem branco, como é o caso da literatura.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Joselia. **Uma biografia: Jorge Amado**. São Paulo: Todavia, 2018.
- ALMEIDA, de Jacqueline. **A mitologia africana na sala de aula: como leitores juvenis negociam com as representações dos orixás?** In: AMPEDSUL, REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED, Anais... Curitiba, Paraná, 2016. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/eixo16_JACQUELINE-DE-ALMEIDA.pdf Acesso em: 03 abr. 2022.
- ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), n. 3, v. 1, p. 181-190, fev. 2011. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/280>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- AMADO, Jorge. **O sumiço da santa**: uma história de feitiçaria. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- AMADO, Jorge. Entrevista com Jorge Amado. In: RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.
- AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste**: pastora de cabras. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução de Paulo Bezerra. São Pulo: Editora 34, 2017.
- BALDWIN, Elisabeth. **Rascunhos de Jorge Amado e as escritas de "A festa"**: um episódio de *O sumiço da santa*. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, 2005.
- BARROS, D'Assunção. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Paris: Difusão europeia do livro, 1970
- BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 7, dez. 2011.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BHABHA, Homi K. **A iminência das poéticas**. Entrevista concedida à 30ª Bienal de São Paulo, 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ym2dPYqlvmA>. Acesso em: ago. 2020.

BHABHA, Homi K. **O local de cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL, Governo Federal. Ministério da Cultura. **Festa do Bonfim: a maior manifestação religiosa popular da Bahia**. IPHAN, s.d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20Festa%20do%20Bonfim.pdf> . Acesso em: 5 julho. 2023.

BRIVIO, Gustavo Rego Barros. **Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico'**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Gêneros e Feminismo). Universidade Federal da Bahia, 2010.

BRUGGE, Ursula Lima. **Gabriela, cravo e canela: subjetividade e resistência na obra de Jorge Amado**. 2015, Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, 2015.

BUTLER, Judith. 2019. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Todavia, 2023.

CANDIDO, Antonio (Org.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014

CÁSSIO, Fernando (Org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. Boitempo: São Paulo, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sierma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. Boitempo: São Paulo, 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo negro: São Paulo, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Coleção Memória e Sociedade. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **A história africana e os elementos básicos para o seu ensino**. In: COSTA LIMA, Ivan e ROMÃO, Jeruse (Orgs). Negros e currículo. Série Pensamento Negro em Educação nº. 2. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros/NEN, 1997.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

D'EAUBONNE, Françoise. **As mulheres antes do patriarcado**. Tradução de Manuel Campos e Alexandra de Freitas. Lisboa. Coleção Vega, 1977.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

FERREIRA, Claudia Cristina. **Relendo Pepetela e Jorge Amado: cenários lusófonos enviesados pelo realismo mágico – uma estrutura mítica pautada na vertente culturológica**. Dissertação. 2002, 109 f. Universidade Estadual de Londrina, 2002.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV: as confissões da carne**. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

FUNKC, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista: uma trajetória**. Série Estudos Culturais. Florianópolis: Insular, 2016.

GARCÍA, Ana Margarita Barandela. **Mensageiros do sagrado e do profano: diálogos culturais nas obras de Jorge Amado, Gabriel García Márquez, Mayra Montero e Conceição Evaristo**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas, 2011.

GERMANO, Patricia Gomes. **O sumiço da santa: uma representação do híbrido literário-cultural-religioso**. Dissertação (Mestrado em Literatura e interculturalidade). Universidade Estadual do Paraná, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Nilma Lino; MARTINS, Aracy Alves. **Literatura infantil/juvenil e diversidade: a produção literária atual.** Coleção Explorando o Ensino, v.20. MEC: Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017

GONÇALVES, Ana Maria. **Arte 1 Contexto: Encontros Literários.** Canal Arte, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0hshcSEbZvw> . Acesso em: 5 abr. 2022.

GROSFUGUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado.** v. 31, n. 1, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

hooks, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar.** São Paulo: Elefante, 2022.

hooks, bell. **A teoria feminista: da margem ao centro.** Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

hooks, bell. Alisando o nosso cabelo. Pele negra. 18 maio 2009. Publicado originalmente em: **Revista Gazeta de Cuba** – Unión de escritores y Artista de Cuba, jan./fev.2005. Disponível em: https://reaju.files.wordpress.com/2018/07/bell_hooks_alisando_nosso_cabelo.pdf Acesso em: 23 fev. 2022.

JACOMEL, M. C. W.; PAGOTO, C. Cultura patriarcal e representação da mulher na Literatura. **Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste.** v. 11, n. 1, p. 09–23, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936> . Acesso em: 5 abr. 2022.

KRAUSE, C; KRAUSE, M. **Educação de mulheres do período colonial brasileiro até a o início do século XX: do imbecilitus sexus à feminização do magistério.** X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, 2016.

MATOS, Marco Antonio Batista Franklin de. **Mito e realidade na narrativa de Jorge Amado.** Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Universidade Católica de São Paulo, 2004.

MOTA, Patrícia Silva. Memória em versos: saberes silenciados no culto ioruba à Ifá. **Revista de estudos e investigações antropológicas**. v. 4, n. 2, p. 112-115, 2017.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
PRANDI, Reginaldo. **Religião e sincretismo em Jorge Amado**. O universo de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, p. 46-61, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/357133588/religiao-e-sincretismo-em-jorge-amado-pdf> Acesso: 08 de agosto de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SALGUEIRO, Maria A. A. Afro-brasilidade e literatura. **UERJ em Questão**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 74, p. 02-00, nov. 2001.

SANTOS, Marcelo Barbosa dos. **Uma leitura arquetípica do feminino em *Mar morto, de Jorge Amado*: o sagrado e o humano, com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão**. Dissertação (Mestrado em Letras). Fundação Universidade Federal do Tocantins, 2021.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. São Paulo: Atual, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Zahar. Rio de Janeiro, 2022.

SOUZA, Alisson Preto. Estudos Culturais, Estudos Literários e Discussão Pós-Colonial: refletindo sobre o pensamento crítico. **Revista PHILIA**, n. 2, v. 1, out. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/philia/article/download/92508/54259> Acesso em: 10 ago. 2023.

THEODORO, HELENA. **Iansã: rainha dos ventos e das tempestades**. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

VALIDÓRIO, Valéria Cristiane. **Investigando o uso de marcadores culturais presentes em quatro obras amadeanas traduzidas para o inglês**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, 2008.

HUDSON-WEEMS, Clenora. Mulherismo Africana: o outro lado da moeda. *In: União dos coletivos pan-africanistas: epistemologias do Renascimento Africano: Coleção Pensamento Preto*. VI. I. São Paulo: Editora Filhos da África, 2019a, p. 207-212.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.